

CAMINHOS DO
ISLÃ

Da profecia

SACHIKO MURATA E WILLIAM CHITTICK

A mensagem dos profetas O segundo *Shahāda*

O *ḥadīth* de Gabriel nos diz que os muçulmanos devem ter fé em “Seus livros e em suas Mensagens”. O primeiro suporte do Islã inclui o testemunho verbal de que “Muḥammad é o mensageiro de Deus”. Portanto, o *ḥadīth* de Gabriel pede que se tenha fé em todos os profetas, enquanto o segundo *Shahāda* exige uma fé no profeta Muḥammad. Esta aparente contradição se resolve por meio da mensagem de Muḥammad. Uma vez aceito que Muḥammad é o mensageiro de Deus, os muçulmanos aceitam a verdade do Alcorão, e o *Alcorão* repetidas vezes afirma que os livros e as mensagens de Deus são verdadeiros.

Os muçulmanos entendem o primeiro *Shahāda* como a expressão de uma verdade universal, algo que todos os seres humanos conhecem intuitivamente por terem sido criados segundo a forma de Deus e aprendido todos os nomes. Todavia, o segundo *Shahāda* é diferente. Ele está relacionado especificamente ao Islã, visto que se refere à profecia de Muḥammad e à verdade do *Alco-*

rão. Se, de um lado, todas as religiões verdadeiras afirmam o primeiro *Shahāda*, por outro lado, cada uma delas acrescenta seus próprios ensinamentos específicos derivados da mensagem de seu profeta ou profetas.

Cada profeta fala em uma linguagem apropriada para o povo ao qual ele foi enviado; ou seja, uma linguagem que corresponde à formação daquele povo e à sua visão de mundo. Como aparece no *Alcorão*: “Nós não enviamos nenhum mensageiro que não se expresse na língua de seu povo” (14: 4). Assim sendo, os detalhes da mensagem fornecida a cada profeta são diferentes. “Para cada um de vocês (mensageiros) Nós estabelecemos um caminho reto e uma estrada aberta. Se Deus quisesse, Ele os teria criado como uma única nação” (5: 48). Todavia, Deus assim não o quis, visto que ele criou um universo repleto de diversidades. Por isto, ele criou muitas nações. “Se o seu Senhor assim quisesse, Ele teria reunido toda a humanidade em uma única nação” (11: 118).

Uma vez que o primeiro *Shahāda* é a mensagem de todos os profetas, as diferenças religiosas começam a aparecer a partir do segundo *Shahāda*. Os ensinamentos específicos de Muḥammad — seu “caminho reto e estrada aberta” — são diferentes daqueles de Moisés, Jesus, Confúcio e Buda. De fato, os muçulmanos tradicionais acreditavam que cada profeta viesse com o primeiro *Shahāda* e retornasse com o segundo *Shahāda* específico para a sua própria mensagem.

Profeta e mensageiro

Nós assinalamos anteriormente o fato de que um dos significados da palavra *Islām* é o da submissão à vontade de Deus tal como foi revelada pelos profetas. Neste sentido, ser um seguidor de qual-

quer religião que tenha sido enviada por um profeta representa ser um *muçulmano*. Alguns muçulmanos certamente afirmarão que as religiões que tenham sido reveladas por outros profetas além de Muḥammad tornaram-se corrompidas. Nós responderíamos a tal objeção, caso seja verdadeira, afirmando que o povo que pratica tal religião não é de fato um seguidor de uma religião revelada por um profeta, e sim de uma corrupção desta religião. É ainda necessário dizermos que a idéia da corrupção de todas as religiões, com exceção do Islã, não é uma crença islâmica universal, embora muitos muçulmanos assim o pensem e os verdadeiros ensinamentos contidos no *Alcorão* a este respeito sejam bem mais sutis no que se refere a distinções radicais. Retornaremos mais tarde a este ponto.

A discussão que concerne à profecia gira em torno da idéia de *nabī* (profeta). Tal palavra deriva de uma raiz que possui dois significados básicos: a emissão de um som, como o latido de um cachorro, e o torná-lo elevado. Várias autoridades no assunto a fazem derivar do primeiro dos significados. Quando um cão late, ele nos faz saber que algo incomum está acontecendo. Os verbos ativos relativos a esta raiz significam informar, dar notícias. Portanto, o profeta seria aquele que informa o povo sobre Deus. Outras autoridades sustentam que o sentido do termo *nabī* derive do segundo significado da raiz: um profeta seria aquele que foi exaltado, elevado, por Deus. De qualquer forma, ambos os sentidos estão presentes na concepção islâmica de um profeta. Aquele que se torna um profeta não é uma pessoa comum. Pelo contrário, os profetas são seres humanos excepcionais, que foram escolhidos por Deus e receberam uma mensagem. Mais frequentemente é um dever do profeta passar a mensagem a outras pessoas; contudo, pode ocorrer que a mensagem tenha um conteúdo particular.

Muito embora a palavra em português *profecia* sugira o sentido de previsão de acontecimentos futuros, a mesma palavra em árabe não possui este tipo de conotação. Pode acontecer que algumas mensagens proféticas se refiram ao futuro, todavia não existe uma conexão necessária entre a concepção islâmica de profecia e a previsão de eventos históricos específicos. Apenas muito poucos versos do *Alcorão* foram compreendidos como referências a tais eventos — ainda que muitos deles, de fato, se refiram a cataclismos que estariam por vir no final dos tempos tal como o conhecemos, e preparem o caminho para a ressurreição.

O *hadith* nos diz que desde Adão até Muḥammad, Deus enviou 124.000 profetas (alguns cálculos falam em 224.000). Nem todos estes profetas estabeleceram comunidades; contudo, existe obviamente uma quantidade suficiente destes para permitir a existência das religiões conhecidas pelos historiadores modernos, com larga escala de reservas.

O *Alcorão* emprega quatro palavras essenciais para se referir aos profetas: (*rasūl*); *profeta*, *mensageiro* (*mursal*); *enviado* e *possuidores de perseverança* (*ḍū-l-‘aẓm*). Muitas autoridades no assunto consideram *mensageiro* e *enviado* como duas palavras que compartilham a mesma raiz, como sinônimos. O uso feito pelo *Alcorão* nos sugere que o termo *profeta* seja considerado mais amplo do que *mensageiro*, e o *hadith* nos confirma este fato ao afirmar que Deus teria enviado 313 ou 315 mensageiros.

Muito embora as opiniões possam divergir, as seguintes distinções são freqüentemente traçadas: todos aqueles escolhidos por Deus para receber uma mensagem são profetas. Dentre os profetas, um número relativamente pequeno foi escolhido para estabelecer religiões, e estes são chamados de mensageiros. Afirma-se, igualmente, que os mensageiros seriam aqueles profetas cujas mensagens foram de tal forma detalhadas de modo a poderem ser

preservadas tanto através de formas orais quanto escritas. Os profetas modificam ou reformam as religiões estabelecidas pelos mensageiros, ou esclarecem o sentido de suas escrituras. Por exemplo, Abraão foi um mensageiro, enquanto Isaac, Ismael, Jacó e Josué foram profetas, mas não mensageiros. O primeiro profeta e mensageiro foi Adão, e o último Muḥammad. A identidade do primeiro e do último dos profetas é altamente significativa para a visão islâmica das coisas, como teremos ocasião de ver.

Um grande número de opiniões nos é oferecido no que concerne aos possuidores de perseverança. A opinião mais comum é aquela que afirma que estes seriam cinco mensageiros que estabeleceram as maiores religiões da história (uma história que, logicamente, se circunscreve dentro de um universo judaico — cristão — islâmico): Noé, Abraão, Moisés, Jesus e Muḥammad.

A confiança

Não nos é possível entender a concepção islâmica de profecia sem que compreendamos a sua visão dos seres humanos; e, da mesma forma, não somos capazes de entender o que um ser humano é até que possamos compreender o papel dos profetas na história humana.

A história inicia-se com Adão, da mesma forma como acontece no judaísmo e no cristianismo, todavia o retrato de Adão que aparece no *Alcorão* diverge em detalhes importantes daquele contido na Bíblia hebraica. O resultado final é uma explicação da natureza humana que pode ser surpreendente — e até mesmo chocante — para as pessoas familiarizadas apenas com certas interpretações cristãs da queda de Adão.

Já narramos alguns dos detalhes presentes no *Alcorão* no que

se refere à criação de Adão. Aqui fornecemos mais alguns detalhes capazes de conduzir à compreensão islâmica do que significa ser humano. Lembremo-nos de que Adão foi o primeiro ser humano e o protótipo para uma raça inteira. O que é dito a respeito de Adão tem algo em comum com a situação de todos.

Aprendemos anteriormente que os seres humanos têm características específicas que os diferem das outras criaturas. Em um versículo famoso, o *Alcorão* se refere à soma total destas características específicas como “a Confiança” (*amana*):

Nós oferecemos a Confiança aos céus e à terra e às montanhas, porém eles se recusaram a sustentá-la e tiveram medo dela. E o ser humano a sustentou. Certamente, ele é muito ignorante, um grande falseador. (33: 72)

Para que nos seja possível iniciar a tarefa de compreensão do sentido deste versículo, devemos nos lembrar de que a confiança é algo precioso que cada pessoa exige da outra, de forma a que a segurança possa ser mantida. Neste caso, Deus confiou algo aos seres humanos, e estes devem mantê-lo para Ele. Na ocasião certa, eles deverão devolvê-lo, como a própria palavra deixa intuir. O *Alcorão* afirma: “Deus vos ordena que entreguem a confiança de volta a seus proprietários” (4: 58).

O que os seres humanos receberam em confiança de Deus? Exatamente como todas as outras criaturas, os humanos receberam tudo que possuem de Deus. Nenhum bem lhes pertence, visto que “Os bens, todos eles, encontram-se em Suas mãos”. Eles deverão devolver tudo aquilo que possuem, cedo ou tarde, por meio simplesmente do curso natural dos acontecimentos. Portanto, todas as criaturas estão *obrigadas* a devolver os bens sob sua responsabilidade a Deus, e os seres humanos, neste sentido, em

nada diferem dos outros seres. Todas as criaturas são *muslim* e ‘*abd*’ no significado mais amplo dos termos, e, por esta razão, não têm outra escolha a não ser devolver a Deus o que Lhe pertence. Portanto, esta confiança compulsória não está em discussão aqui, visto que não existe escolha. O versículo que fala sobre a confiança se refere aparentemente a algum tipo de livre escolha e claramente diz respeito a algo relacionado exclusivamente aos seres humanos.

Tanto os céus quanto a terra e as montanhas se recusaram a sustentar a confiança. O termo *céus* representa as coisas mais altas e luminosas do universo e *terra* o que há de mais baixo e escuro dentre todas as coisas. As *montanhas* parecem significar tudo aquilo que não é nem elevado e nem baixo. Estes três termos podem ser entendidos como tudo aquilo que não pertence à espécie humana. Os seres humanos não são nem altos como os anjos, nem baixos como os minerais e nem no meio deles como as plantas ou os animais. Ou melhor, eles possuem todas as três qualidades: eles são altos por seus espíritos, baixos por seus corpos, e medianos por suas almas.

Em resumo, a maioria das autoridades sustenta a tese de que a confiança é supervisionada por Deus. Somente os seres humanos são capazes de sustentá-la porque a supervisão depende do ensinamento de todos os nomes. Todavia, não basta simplesmente ser humano para sustentar a confiança. Os homens devem aceitar livremente ser servos de Deus antes que possam se tornar os seus substitutos. Além disto, sustentar a confiança acarreta um envolvimento no que se refere à liberdade humana. Os *muslims* compulsórios — tais como os céus, a terra e as montanhas — jamais poderiam sustentá-la. É necessário que haja alguém que seja um *muslim* voluntário, aceitando a orientação oferecida por Deus e colocando-a em prática.

O versículo sobre a confiança termina informando que os seres humanos “são muito ignorantes, grandes transgressores”. A mais óbvia das interpretações destas qualidades é a de que elas se referem àqueles filhos de Adão que desprezaram a confiança. A todos os filhos de Adão foi dada a confiança, porém, muitos deles se fingiram ignorantes quanto à verdade de sua situação, por serem, em essência, os substitutos de Deus. Eles são ainda transgressores; ou seja, eles colocam as coisas nos lugares errados e ultrapassam as fronteiras do que é verdadeiro e correto. Eles usurparam o poder e as prerrogativas de supervisor para si mesmos. Eles não tratam dos atributos divinos que receberam de Deus em custódia. Pelo contrário, agem como se os atributos lhes pertencessem e pudessem ser usados de uma forma qualquer que lhes aprouvesse.

Os pensadores muçulmanos justificaram este retrato que aparece no *Alcorão* de várias maneiras, contudo nos limitaremos a comentar um único versículo do *Alcorão*, que eles freqüentemente citam dentro deste contexto. Uma vez coroado Adão, Deus quis deixar claro para ele e seus filhos por qual razão os havia criado. Por isto, ele reuniu todos os filhos de Adão e lhes falou. O *Alcorão* registra o que ocorreu da seguinte maneira:

Quando o seu Senhor tomou a prole que provinha da descendência dos filhos de Adão e os fez atestarem tudo o que lhes dizia respeito — “Não sou eu o seu Senhor? — eles disseram “Sim, nós o atestamos!” (7: 172)

Este versículo demonstra, de uma forma mítica, que os seres humanos, em algum lugar bem no fundo de suas almas, nasceram todos para testemunhar a Soberania de Deus. A palavra árabe empregada para expressar “nós o atestamos” é o verbo do qual a

palavra *Shahāda* deriva. O acontecimento aqui transcrito é comumente chamado de Aliança de Alast, sendo a palavra *alastu* a forma árabe que expressa “Não sou eu?” Nesta época, todos os seres humanos fizeram um pacto com Deus ao aceitarem o *tawhīd* e concordarem em cultivar apenas a ele.

É necessário que deixemos claro que este conhecimento intuitivo compartilhado por todos os seres humanos é o conhecimento do *tawhīd*, e não o conhecimento “do caminho reto e da estrada aberta” que é específico dos ensinamentos proféticos. Em outras palavras, ele se inscreve no domínio do primeiro *Shahāda* e não do segundo *Shahāda*, que contém instruções específicas apresentadas pelos profetas. O primeiro *Shahāda* é conhecido por todos, muito embora freqüentemente deva ser lembrado. Ao contrário, as verdades contidas no segundo *Shahāda* devem ser aprendidas por meio de uma mensagem divina.

O versículo do *Alastu* continua explicando o propósito de Deus ao reunir todos para que o atestassem:

Para que não digais no Dia da Ressurreição, “A nosso ver, fomos desatentos quanto a isto”, ou para que não digais “Nossos pais associaram outros a Deus antes de nós, e nós somos a sua descendência posterior. Por que nos destruir em virtude do que os inúteis fizeram?” (7: 172-73)

As interpretações divergem no que se refere a este versículo; contudo, muitos estudiosos afirmam que ele significa que no dia do Julgamento as pessoas serão consideradas responsáveis pelo reconhecimento da verdade do *tawhīd*, ainda que não tenham ouvido a mensagem do profeta. Todavia, elas não serão responsabilizadas pelos ensinamentos específicos do profeta, caso tais ensinamentos não tenham chegado até elas.

A natureza humana inata

A concepção de que os seres humanos reconhecem o *tawhīd* de forma inata é com freqüência expressa através do uso do termo *fiṭra*, comumente traduzido como “natureza primordial” ou “disposição inata”. A raiz à qual está ligado o sentido do termo é quebrar ou rachar e, portanto, ele implica em uma abertura, em uma saída. O verbo também significa dar à luz ou originar e, na linguagem usual, amassar e dar forma à massa. O *Alcorão* chama Deus de *faṭir* dos céus e da terra, que os tradutores costumam relacionar a “criador” ou “originador”. Todavia, o significado da palavra árabe é mais concreto do que estes termos relativamente abstratos possam sugerir. Há quem possa argumentar que a expressão signifique “separação dos céus e da terra”. Isto não estaria de todo em desacordo com um versículo que emprega a metáfora do rompimento para explicar como o universo foi criado: “Eles não afirmaram, os ocultadores da verdade, que os céus e a terra estavam ligados, e, então, nós os afastamos um do outro, e das águas formaram-se todas as coisas vivas?” (21: 30). Este versículo relativo ao rompimento, como a expressão “*faṭir* dos céus e da terra”, nos é apresentado como um retrato que encontramos em todos os mitos através do mundo. Deus criou o cosmo por meio da separação entre os céus e a terra. Antes da separação tudo era uniforme e indistinto. Para usarmos uma terminologia grega, não havia nada além de caos, ou seja, não havia nem ordem e nem beleza, os dois sentidos básicos para a palavra grega *cosmos* (da qual derivamos também *cosméticos*). Ao separar céus e terra, Deus gerou coisas distintas.

O céu, como já nos falamos mais de uma vez, se refere a tudo aquilo que é elevado, luminoso, sutil e ativo, enquanto a terra está relacionada ao que existe de baixo, escuro, denso e receptivo. Uma vez separados céu e terra, Deus pôde permitir que a água da vida

jorrasse do alto domínio e originasse as coisas vivas no baixo domínio. Antes que a separação se fizesse, não existiam coisas distintas e discretas.

O *Alcorão* emprega a palavra *fiṭra* em si mesma uma única vez, juntamente com a forma verbal da palavra. Por isto traduzimos o verbo como “gerar”. O *Alcorão* está endereçado a Muḥammad e, por extensão, a todos os muçulmanos:

Dirigi vosso rostos em direção à religião como a fé primordial — A *fiṭra* de Deus, de acordo com a qual Ele gerou os povos. Não há mudanças na criação feita por Deus. Esta é a religião correta, porém muitas pessoas não a conhecem. [Dirigi vossos rostos em direção à religião] voltando-vos a Ele. E sede cautelosos com Ele, executai o *ṣalāt*, e não sede como aqueles que associam outros a Ele. (30: 30-31)

Aqui o *Alcorão* correlaciona a religião com a natureza que é dada aos seres humanos no momento em que foram criados. Ao serem humanos, eles aceitaram a Confiança e ingressaram na Aliança de *Alastu*. A eles foram ensinados os nomes, criados à forma de Deus, e destacados das demais criaturas pela representação de Deus. Todavia, a liberdade humana também está em discussão aqui. Apesar do fato dos seres humanos terem aceitado sustentar a Confiança, a maioria deles lhe deu as costas e tornou-se “muito ignorante, grandes transgressores”. Muitos deles não sabem que sustentar a Confiança constitui a única religião correta, a senda justa e autenticamente humana.

Para que se tornem *muslims* voluntários, o povo deve voltar o “rosto” na direção de Deus. A palavra árabe que corresponde a *rosto* é empregada para designar a realidade ou essência de uma coisa. O *Alcorão* está querendo dizer que o povo deveria voltar a

sua total atenção e todo o seu ser na direção de Deus. Em outras palavras, eles deveriam estabelecer um relacionamento com o *tawhīd* e não associar ninguém a Deus. Isto implica na observância dos Cinco Pilares, representados aqui pelo *salat*, e implica ainda na atualização da terceira dimensão do Islã, à qual a expressão “ser cauteloso com Deus” faz referência.

O Profeta empregou o termo *fiṭra* em um *ḥadīth* famoso que engloba a compreensão islâmica do termo:

Toda a criança nasce de acordo com o *fiṭra*. Então os seus pais a tornam um Cristão, um Judeu ou um Zoroastra.

Estas palavras sugerem que a natureza humana inata coincide com o Islã. Em função da Confiança e da Aliança de *Alastu*, as pessoas vêm ao mundo reconhecendo a verdade do *tawhīd*. Posteriormente, a sua educação e o seu ambiente são capazes de distorcer sua disposição original e, em vez de servirem apenas a Deus, eles associam outras realidades a Ele. Caso desejem voltar à sua verdadeira natureza, seria necessário que retornassem ao *tawhīd*.

Não podemos, contudo, concluir a partir deste *ḥadīth* que o Islã considere que todos aqueles que não são muçulmanos sejam falseadores da verdade. Certamente o Profeta está insinuando que as três religiões aqui mencionadas se desviaram da senda do *tawhīd*. Todavia, outras máximas e versículos do *Alcorão* devem ser levados em conta antes que cheguemos a uma conclusão final no que diz respeito às crenças islâmicas sobre os não-muçulmanos. Veremos em outra seção que não há nenhum dogma claro sobre estes pontos, e que de fato não pode haver, porque os não-muçulmanos — assim como os muçulmanos — podem ser bons ou ruins, falseadores da verdade ou fiéis, certos ou errados. Entretanto, de forma geral, os muçulmanos têm a mesma posição

que todos os seguidores de qualquer religião: a nossa perspectiva é aquela correta, enquanto as outras não podem ser comparadas a ela. Isto é tão normal em termos religiosos quanto o fato de que alguém que diga “Eu”, e que este “Eu” seja considerado mais real e relevante para a vida do que o “Eu” dito por seu vizinho ou por aqueles mais afastados. É necessário que uma pessoa seja, de fato, extraordinária para que ponha em prática o mandamento cristão que ordena que se ame o nosso vizinho como a nós mesmos, isto para não falar do amor por aqueles que sequer conhecemos.

Adão e Iblīs

A Confiança, a Aliança de *Alastu* e a *fiṭra* mostram como os seres humanos possuem um grande dever perante Deus e sua criação, e a versão islâmica do mito de Adão confirma este quadro. Deus ensinou a Adão todos os nomes e mandou que os anjos se prostrassem diante dele, indicando que este conhecimento dos nomes tornava Adão até mesmo maior do que os próprios anjos, as criaturas divinas mais exaltadas e elevadas de Deus.

O *Alcorão* não menciona a criação de Eva, embora o *ḥadīth* literário siga a narrativa bíblica segundo a qual ela teria sido criada a partir de uma costela de Adão. Na verdade, o *Alcorão* nos conta como Deus colocou Adão e Eva no Jardim e lhes deu instruções sobre como deveriam viver lá:

Dissemos: “Adão, habitem, você e sua esposa, no Jardim, e comam de tudo o que desejarem. Todavia, jamais se aproximem desta árvore, ou se tornarão transgressores.”

Então Satã lhe induziu a fugir dali e os levou para longe de onde estavam. (2: 35-36)

No Jardim, o *islām* de Adão e Eva era obedecer as instruções impostas por Deus. Eles poderiam deixar-se levar por seus desejos, desde que não se aproximassem da árvore. Portanto, pelo que podemos ver, os seres humanos, desde o momento de sua criação, obtiveram a liberdade e a orientação de Deus. Iblīs estava presente e induziu ambos ao erro.

Lembre-mo-nos de que Iblīs se recusou a prostrar-se diante de Adão. Quando Deus perguntou a Iblīs por que havia se recusado, ele disse: “Eu sou melhor do que ele. Criaste-me pelo fogo, e a ele com o barro” (7: 12, 38: 76)

Em virtude da sua desobediência, Deus enviou Iblīs para baixo, para a terra. Todavia, a conversa que ocorre entre Deus e Iblīs neste momento é altamente significativa para a compreensão islâmica do papel de Satã no cosmos. Sem que levemos em consideração esta conversa, não é possível entendermos toda a importância da queda de Adão do Jardim. O diálogo entre Deus e Iblīs continua como reproduzimos a seguir:

Disse Ele: “Vá lá para baixo. Este aqui não é o lugar no qual você pode clamar por grandeza. Portanto afaste-se, certamente você se encontra entre os humildes.”

Disse ele: “Respeitai-me até o dia em que eles ressuscitarão.”

Disse Ele: “Você não pertence à categoria dos anistiados.”

Disse ele: “Agora que me desviastes, eu devo criar uma emboscada para aqueles que seguem a Vossa senda. Então devei aparecer diante deles pela frente e pelas costas, à direita de suas mãos e à esquerda. Não encontrarás muitos deles que Vos serão gratos.”

Disse Ele: “Vá para bem longe, despojado e banido. Aqueles que o seguirem — Eu penso seguramente que encheri a Geena [inferno] com todos vocês.” (7: 13-18)

O *Alcorão* acrescenta detalhes a este diálogo em vários lugares. O que citaremos a seguir parece ser especialmente pertinente à presente discussão:

Disse ele: “Meu Senhor, porque me levastes ao desvio, eu devo fazer com que a terra pareça justa para eles e devo induzi-los todos ao desvio, à exceção daqueles realmente sinceros dentre os Vossos servos.”

Disse Ele: “Esta é para Mim uma senda segura: Assim como para Meus servos, você não poderá ter autoridade alguma, a não ser sobre aqueles que o sigam, se desviando. Geena é a terra prometida para todos eles.” (15: 39-43).

Este trecho explica como Satã veio a se tornar um inimigo dos seres humanos. As suas motivações eram o orgulho, a raiva e a inveja. Ele é orgulhoso em virtude da sua natureza ardente e de seu alto nível dentre as coisas criadas. Ele está enraivecido com Deus por ter-lhe exigido que se prostrasse perante um mero ser criado a partir do barro. Ele sente inveja de Adão porque Deus lhe dispensou favores especiais. Acima de tudo, jamais veio à mente de Iblīs que, talvez, Deus soubesse algo que ele não sabia. Ele falhou ao reconhecer que ele próprio poderia estar errado e, portanto, culpou a Deus por sua difícil situação.

Um dos elementos mais interessantes desta narrativa do *Alcorão* é a negociação que Iblīs estabelece com Deus. Ele pede para não ser levado em consideração até o Dia da Ressurreição, e Deus lhe dá o que ele deseja. Então Iblīs diz que desviará todos os servos de Deus (usando a mesma palavra que ele usou anteriormente quando disse a Deus: “Levaste-me ao desvio”), contudo, aqui o *Alcorão* alude à incapacidade e fraqueza de Iblīs, porque Iblīs acrescenta: “exceto aqueles que sejam sinceros”. Deus responde

afirmando que Iblīs pode fazer o que bem entender, porém ele coloca em destaque o fato de que Iblīs não possui poder algum sobre os bons *muslims*. Em resumo, Deus está comprometido com o ardiloso Iblīs desde o início.

Quando lemos a narrativa cristã referente a Satã, temos a impressão de que Satã está fora de controle. Ele se rebelou e estabeleceu um império por conta própria, onde as leis de Deus não são seguidas. Em casos extremos, chega a parecer que Iblīs é o Deus do inferno — condenado a ser derrotado no final, com certeza — contudo, livre para fazer o que bem quiser neste meio tempo.

O Islã está de tal forma impregnado pela idéia do *tawhīd* para que possa permitir que Iblīs represente qualquer espécie de papel independente. Até mesmo Iblīs é um *muslim*; entretanto, somente no sentido mais amplo do termo. Ele é um servo compulsório de Deus e não um servo voluntário. O seu orgulho e arrogância, a sua convicção de que “Eu sou melhor do que Ele”, não permitem que ele perceba que está fazendo a obra de Deus exatamente como qualquer outro.

Quando a narrativa sobre Iblīs é lida cuidadosamente dentro de um contexto completo do *Alcorão*, é fácil compreendermos que um dos elementos centrais é o livre-arbítrio. Apenas para começar, sem contarmos com o erro e a desobediência que Iblīs representa, não existem escolhas erradas; ou melhor, não podem existir escolhas de espécie alguma. Para os seres humanos, a existência de Iblīs estabelece um contraste entre o que é certo e o que é errado, o que é verdadeiro e o que é falso, entre a obediência e a desobediência, entre a salvação e a danação. Se não existe nenhuma senda errada, como poderia haver uma senda certa?

Vimos anteriormente que para que o universo fosse criado, Deus separou os céus da terra, o que está no alto do que está em-

baixo, as luzes das trevas, o sutil e o denso, o que é leve e o que é pesado. Sem tais distinções, nada pode ser diferenciado do resto e nenhuma das coisas criadas pode existir.

O contraste entre a luz e as trevas tem um significado físico, porém possui também um sentido imaterial, como já assinalamos. A luz se refere a todas as qualidades divinas, enquanto a escuridão está relacionada à falta dessas mesmas qualidades divinas. Além disso, a luz tem um significado moral e espiritual, o que quer dizer que ela diz respeito à iluminação, ao conhecimento, à orientação e à salvação. Ao contrário, a escuridão está relacionada à ignorância, à desobediência, à perdição. Algumas vezes os textos islâmicos afirmam que no final dos tempos o fogo será dividido em duas partes. A sua luminosidade se elevará até o Paraíso, contudo o seu calor descera até o inferno. O inferno é um local de dor, de trevas que queimam, enquanto o Paraíso é um domínio de luz que libera e refresca.

Em resumo, Iblīs encarna a escuridão do erro, da ignorância, da arrogância e do mau comportamento. Sem os poderes que Iblīs representa, não seria possível a existência do universo moral. Não poderíamos escolher o que é certo, porque não haveria nada de errado capaz de distinguir o que é certo. Não poderíamos ser salvos porque não haveria nenhum erro ou perdição que pudesse definir a natureza da salvação e da danação. Não poderíamos ter acesso à luz por não existir nenhuma escuridão da qual sairíamos. Não poderíamos sequer existir porque a nossa existência depende da ambigüidade da nossa situação. O nosso *status* humano é definido pelo fato de nos encontrarmos a meio caminho entre a luz e as trevas, o céu e a terra, o espírito e o corpo.

Iblīs representa o mau comportamento e a maldade, contudo os muçulmanos — pelo menos aqueles capazes de refletir — também percebem que ele foi criado por Deus precisamente para exe-

cutar esta obra. Ele está simplesmente fazendo o seu trabalho. O seu papel na criação é o de ser arrogante, enraivecido e invejoso. Sendo assim, Deus lhe conferiu uma boa quantidade desses atributos divinos coléricos, como o poder e a magnificência, porém pouca sabedoria ou noção de proporção. O próprio *Alcorão* alude a este fato em vários versículos. Quando ele cita Iblīs ao proferir o voto: “Agora, por meio de Seu poder, eu os desviarei todos” (38: 82), isso o relaciona à denominação de Poderoso, atribuída a Deus. Quando o *Alcorão* diz que Iblīs “reivindica grandeza”, ele o associa ao nome divino, *al-mutakábbir* — o Grande, o Magnífico. Iblīs desempenha uma função que está intimamente relacionada aos nomes da cólera.

Antes de continuarmos a discussão quanto à natureza de Iblīs, voltemos a Adão e Eva. Abandonamos a história quando Iblīs “levou-os à expulsão” do Jardim. As pessoas freqüentemente se perguntam o que Iblīs estava fazendo no Jardim. Agora deveria estar claro que para que sejamos humanos devemos nos defrontar com a escolha entre o certo e o errado, a obediência e a desobediência. Deus não teria ordenado a Adão que evitasse a árvore se ele não quisesse que a desobediência se tornasse uma possibilidade. Ao dar a ordem a Adão, Deus permitiu o pacto entre ele e Iblīs. Ele sabia que Iblīs tentaria desviar o povo (e, é claro, ele sabia que Iblīs, ao menos em um certo grau, obteria sucesso).

Quando Adão e Eva comeram o fruto da árvore, tornaram-se conscientes de sua nudez e cobriram suas partes íntimas com folhas retiradas das árvores. Aqui existe um paralelo claro com a idéia bíblica de que a árvore era aquela do conhecimento do bem e do mal.

Ao comer o fruto proibido, “Adão desobedeceu a seu Senhor” (20: 121). Deus disse, então, a Adão e Eva: “Eu não proibi vocês dois de se aproximarem desta árvore e lhes disse ‘Realmente, Satã

representa para vocês um inimigo aberto?” (7: 22). A reação deles, significativamente, se assemelha a de alguém que acorda de um sonho. Eles imediatamente se chocaram ao verem o que haviam feito, e em uníssono “os dois dizem: ‘Nós nos enganamos e a menos que nos perdoeis e tenhais piedade de nós, estaremos certamente entre aqueles perdidos’” (7: 23). A narrativa do *Alcorão* não dá margem a que se culpe Adão e não Eva ou vice-versa. Ambos se enganaram e ambos admitiram o seu erro e pediram perdão.

A esta altura, Deus manda Adão e Eva para a terra, dizendo que lá eles encontrariam inimizades:

“Ide para baixo, e haverá um inimigo para cada um. Na terra uma residência pertencerá a vocês e um gozo temporário... Lá deveis viver, e lá deveis morrer, e de lá deveis ser levados para longe.” (7: 24-25)

A queda

A palavra *queda* dentro do contexto cristão tem uma conotação bastante negativa, enquanto o termo correspondente em árabe, *hubūt*, deriva dos versos em que Deus se dirige a Adão e Eva e lhes diz “ide para baixo”. Os pensadores muçulmanos reconhecem os lados negativos deste acontecimento. Afinal, ele resultou de uma desobediência. Foi um engano causado por Satã. Todavia, raramente eles se referem à queda como algo que pudesse se assemelhar à idéia cristã do pecado original. Adão e Eva cometeram um engano e, como resultado, Deus lhes disse para deixarem o Jardim e descerem para a terra.

Dentro da perspectiva islâmica, seria errado concluirmos que

Adão e Eva poderiam ter sido melhores caso não tivessem cometido um engano. Em primeiro lugar, tudo já estava estabelecido. A sabedoria e a piedade de Deus se certificaram de que tudo ocorreria em proveito do bem. Em segundo lugar, Deus disse desde o início da criação de Adão: “Eu estou colocando sobre a terra um substituto” (2: 30). Ele criou Adão para a terra, e não para o Jardim. “A descida” significa uma descida *para a terra*. O Jardim estava localizado em um outro local, aparentemente acima da terra. O que se encontra acima da terra tem qualidades paradisíacas e não qualidades terrestres. É elevado, luminoso, sutil e assim por diante.

A compreensão islâmica geral no que se refere à descida de Adão para a terra é apreendida de forma belíssima num *ḥadīth*:

Moisés disse: “Meu Senhor, mostrai-me Adão, que levou a nós e a ele próprio para fora do Jardim.”

Então Deus mostrou-lhe Adão. Moisés disse: “Você é o nosso pai Adão?” Ele respondeu que sim. Moisés disse: “Foi sobre você que Deus soprou o seu próprio espírito, aquele a quem Ele ensinou todos os nomes, e perante o qual Ele ordenou que todos os anjos se prostrassem e eles assim o fizeram?” Adão respondeu que sim. Então Moisés disse: “O que fez com que você levasse a nós e a si mesmo para fora do Jardim?”

Adão respondeu: “Quem é você?” Moisés lhe disse. Adão respondeu: “Você é o profeta dos filhos de Israel, a quem Deus falou às ocultas e designou para ser o Seu mensageiro dentre as criaturas?” Moisés respondeu que ele o era. Adão disse: “Você não acha que [o meu engano] estava escrito no Livro de Deus antes mesmo que eu fosse criado?” Moisés respondeu que assim o era. Então disse Adão: “Portanto, por que você me reprova por algo que Deus já havia decretado para mim antes da minha existência?”

O Profeta conclui esta narrativa repetindo três vezes, como forma enfática: “Então Adão venceu a discussão com Moisés!” Podemos concluir que, de forma geral, os muçulmanos acreditam que a queda pode ter tido certas conseqüências negativas, porém tudo fazia parte de um plano divino. Sem a queda, Adão não poderia ter sido o substituto de Deus na terra. Em termos cristãos, o comer o fruto foi uma *felix culpa*, “um pecado auspicioso”.

Lembremo-nos de que a substituição implica na servidão. A servidão, por sua vez, depende do estabelecimento de uma relação apropriada com os nomes do *tanzīh* e da majestade. Para que seja possível tornar-se realmente servas, as pessoas devem aceitar a sua distância de Deus e reconhecer a sua cólera, severidade, magnificência, inacessibilidade e incompreensão. Entretanto, estes atributos não podem ser reconhecidos se virmos apenas o lado piedoso e amoroso de Deus. É por esta razão que alguns pensadores muçulmanos afirmaram que Deus colocou Adão e Eva no Jardim para que ganhassem força de forma a suportarem o que lhes esperava quando fossem colocados a grande distância de Deus, na terra. Enquanto eles estiveram no Jardim, estavam próximos de Deus, e Ele algumas vezes lhes falava. Eles gozaram de sua companhia, de sua beleza e de sua gentileza. Todavia, uma vez que entrassem na terra, ficariam longe de Deus e, a partir daí, deveriam encarar as conseqüências de seu poder e cólera. Para que pudessem alcançar todas as possibilidades da perfeição humana, eles deveriam provar a sua distância, assim como a sua proximidade. Para que possam estabelecer o *tawḥīd*, os seres humanos precisam experimentar tanto os atributos do *tashbīh* quanto aqueles do *tanzīh*.

Dentro da perspectiva geral cristã, as conseqüências negativas da queda de Adão são resumidas pela idéia do pecado original. Tão fundamental foi a corrupção na natureza de Adão capaz

de levá-lo a comer o fruto e desobedecer a Deus, que Deus se viu obrigado a se reencarnar em Cristo de forma a retificar a imagem divina. Ao contrário, não existe nenhum conceito de pecado original no Islã, porque Deus imediatamente perdoou Adão e Eva por terem comido o fruto. E não se trata apenas disto, porém do fato de que “O Seu Senhor o escolheu” (20: 122), o que significa que Deus assinalou Adão como um de seus profetas. É por isto que o *Alcorão* diz: “Deus escolheu Adão, Noé, a Casa de Abraão e a Casa de Imram dentre todos os habitantes do mundo” (3: 33). Este elemento delineia uma divergência fundamental entre as visões islâmica e cristã da natureza humana. O primeiro ser humano se enganou e caiu, como aconteceu com todos nós, mas ao contrário de nós, caiu uma única vez. Mais do que isto, ele imediatamente se arrependeu e foi perdoado. Deus, então, o escolheu como um profeta e o manteve livre do erro e do pecado. Longe de ser alguém que causou o nosso sofrimento, ele é o modelo de perfeição humana. Se o povo pudesse viver como o seu pai Adão e sua mãe Eva, ele nada teria a temer. A entrada de Adão na terra como substituto e profeta é um sinal de que a misericórdia de Deus tem precedência sobre a sua cólera, e de que a sua orientação supera o desorientamento provocado por Satã.

Descuido

Se o Islã não possui um conceito de pecado original, isto não quer dizer que os muçulmanos acreditem que tudo esteja bem e que as pessoas possam simplesmente continuar a viver da maneira como estão. Se fosse este o caso, por que Deus se preocuparia em enviar 124.000 profetas? Há claramente algo de errado que precisa ser retificado.

É verdade que a disposição humana inata requer o reconhecimento do *tawhīd*, porém muitas pessoas associam outros a Deus. Então onde se encontra o problema? Uma das possíveis respostas é “Iblīs”. Todavia, isto necessita ser esclarecido, e retornaremos ao assunto em breve. Uma outra resposta pode ser encontrada ao analisarmos a função da profecia. O que os profetas vêm tentando fazer? Se formos capazes de entendermos isto, então poderemos identificar o problema que precisamos resolver.

Já sugerimos anteriormente que as mensagens dos profetas têm dois níveis, que são representados em termos islâmicos pelos dois *Shahādas*. A primeira mensagem dos profetas é o *tawhīd*, enquanto a mensagem secundária é a de que o povo precisa seguir as instruções de Deus para que possa estabelecer, de forma integral, as implicações do *tawhīd* em suas vidas.

Se o *fitri* humano ainda é capaz de reconhecer o *tawhīd*, por que os profetas precisam falar sobre ele? Para que o expliquemos em uma palavra, em função do “descuido” (*gafla*). O *Alcorão* utiliza esta palavra quase como um sinônimo de “esquecimento” (*nisyān*). Iblīs se rebelou em virtude do orgulho e da arrogância, porém Adão se desviou porque se esqueceu. “E Nós fizemos uma Aliança com Adão antes, mas ele se esqueceu, e percebemos que ele não tinha nenhuma constância” (20: 115). A diferença fundamental entre Iblīs e Adão surge de suas respostas a Deus quando este lhes pergunta sobre suas desobediências. Iblīs se recusa a admitir que tenha feito algo de errado e culpa Deus por desviá-lo. Adão e Eva, em uníssono, reconhecem sua falta e logo após pedem a Deus que os perdoe. Portanto, o esquecimento humano é uma coisa, mas a recusa satânica em reconhecer os seus próprios defeitos é algo inteiramente diferente.

Isto, contudo, não significa que o esquecimento e o descuido estejam desprovidos de culpa. Ao contrário, eles constituem a falta

fundamental dos seres humanos. Neste sentido, eles têm um papel que possui certa analogia com o pecado original do cristianismo. Esquecer Deus é esquecer o *tawhîd*, e sem o *tawhîd* não pode haver salvação.

Como já assinalamos antes, o *Alcorão* nos diz que Deus pode perdoar tudo exceto *shirk*, a associação de outros a ele. Ao se esquecerem de Deus, as pessoas colocam outros em seu lugar. Eles atribuem as suas qualidades a si mesmos, às forças da natureza ou à sociedade. Elas não sabem que todo o universo canta os seus louvores e distribui os seus sinais. Portanto, o esquecimento e o descuido são, de certa forma, equivalentes do *shirk*. Na passagem que citaremos a seguir, Deus descreve os tipos de pessoas e jinns que vão para o inferno e identifica o seu pecado ao descuido:

Nós criamos para Geena vários jinns e homens. Eles possuem um coração, mas nada compreendem por meio dele. Eles têm olhos, mas nada vêem com eles. Eles possuem ouvidos, mas nada escutam com eles. Eles são como gado — não, eles se desviam para bem mais longe. Estes — são eles os imprudentes. (7:179)

Notemos que estes homens têm todos os meios necessários para ver e compreender, porém não os utilizam. O que eles deveriam estar vendo e ouvindo? Os sinais de Deus. Tais pessoas conseguem ver o mundo natural, mas não entendem que tudo é um sinal de Deus. Eles ouvem os textos sagrados quando são recitados, mas não reconhecem que é Deus se dirigindo a eles:

Certamente muitas pessoas agem de forma descuidada quanto aos Nossos sinais (10: 92).

Aqueles que agem descuidadamente aos Nossos sinais — aqueles — têm seu refúgio no Fogo. (10: 7-8)

Quando as pessoas reconhecem os sinais de Deus, elas passam a considerar a existência humana em todo o seu objetivo. Elas se lembram de onde vieram e para onde estão indo. Aqueles que ignoram os sinais ficam retidos na aparência superficial do mundo presente: “Eles conhecem uma parte superficial da vida deste mundo, mas quanto ao próximo mundo são descuidados” (30: 7).

A morte, como veremos, é um profundo acordar para a realidade. A partir de então, as pessoas não mais podem ignorar o verdadeiro sentido daquilo que vêem e ouvem. Não importa o quanto elas desejem voltar à sua bem-aventurada ignorância, elas se vêem forçadas a encarar a realidade das coisas. Dois anjos as levarão perante Deus:

E cada alma voará, juntamente com um guia e uma testemunha. “Vocês estavam descuidados quanto a isto. A partir de agora Nós removeremos a sua cobertura, portanto a sua posição hoje é permanente...”

“Devotados à Geena, vocês dois, sempre obstinados ocultadores da verdade, sempre escondendo o bem, transgressores, duvidosos, que estabeleceram um outro deus no lugar de Deus!” (50: 21-26)

O *Alcorão* e a tradição confirmam a estreita relação existente entre o fogo do inferno e o esquecimento em várias maneiras. Números versículos tornam esta conexão especialmente explícita:

Hoje Nós nos esquecemos de você, da mesma forma como você se esqueceu do reencontro deste dia, e o seu refúgio será o Fogo. (45: 34)

Portanto, agora experimente, por ter se esquecido do encontro deste seu dia! Nós, de fato, nos esquecemos de você. Experimente o castigo da eternidade em virtude do que fez! (32: 14)

Como já dissemos, o esquecimento e o descuido são faltas fundamentais porque elas negam o *tawhīd*. Poderíamos igualmente dizer que quem esquece Deus está se esquecendo de si mesmo, visto que o ser humano foi feito à semelhança de Deus. Ao perder o contato com Deus, perde-se o contato com a própria realidade e, portanto, cai-se na irrealidade, que pode apenas ser experimentada como uma dolorosa separação de tudo aquilo que é real e bom. O *Alcorão* faz alusão a esta perspectiva no versículo que diz “Não sejas como aqueles que se esquecem de Deus, e que, portanto, Ele fez com que se esquecessem de si mesmos. Estes — são estes os transgressores” (59: 19)

Se o esquecimento e o descuido designam a falta básica dos seres humanos, *dikr* (lembrança) designa a sua virtude salvadora. Assim como o esquecimento de Deus leva ao castigo doloroso de ser esquecido por Ele, do mesmo modo a lembrança de Deus conduz à alegria de ser lembrado por Ele: “Lembre-se de Mim, e Eu me lembrarei de você” (21: 152). Todavia, o *dikr* significa muito mais do que simplesmente a justa resposta a Deus, uma vez que ele também designa a função dos profetas.

A palavra *dikr* possui três sentidos básicos: mencionar, lembrar e trazer de volta à mente. Ao mencionar algo verbalmente, chamamos tal coisa de volta à mente, lembramos. E caso haja outras pessoas presentes quando a mencionamos e elas saibam algo a seu respeito, então elas a lembram. Em inglês, a palavra *lembrança* também significa “o ato de chamar de volta à mente” assim como “rememorar”.

Os três sentidos de *dikr* estão inseparavelmente ligados entre si. Deus envia os profetas de forma a que lembrem as pessoas da Aliança de *Alastu*. Eles o fazem por meio da recitação dos sinais de Deus e ao mencionarem a sua dívida com ele. O povo deveria responder aos profetas lembrando-se de Deus, um ato que exige que eles o mencionem em orações de glorificação e louvores

(afirmando, então, tanto o seu *tanzīh* e o seu *tashbīh*). Aqueles que respondem desta forma são os homens de fé, já que ter fé é reconhecer ou lembrar a verdade do *tawhīd* em seu coração, mencioná-lo verbalmente e colocá-lo em prática seguindo as instruções trazidas pelos profetas.

Aquelas pessoas que falharam ao dar a resposta correta são os ocultadores da verdade. Embora eles reconheçam a verdade em seus corações, eles a negam verbalmente e se recusam a seguir as instruções dos profetas. Tudo isto é, em resumo, o drama da profecia e das respostas humanas. Está tudo relacionado explicitamente, no *Alcorão*, à palavra *dikr*, ou a palavras muito próximas que derivam da mesma raiz (tais como *dikra*, *tadkira* e *tadakkur*). Eles são alguns dos exemplos contidos no *Alcorão*. Os primeiros dois versículos traduzem a idéia de que as mensagens de Deus ao povo são lembranças:

Nós demos a Moisés a orientação, e Nós fizemos com que os filhos de Israel fossem herdeiros do Livro como um guia e uma lembrança às pessoas que possuíssem uma mente. (40: 53-54)

Este é apenas um *Alcorão* claro e uma lembrança. (36: 69)

A resposta correta às lembranças trazidas por Deus é a recordação. O *Alcorão* recomenda que nos lembremos de Deus ou de seu nome (que é um equivalente da menção deste através da oração) em vários de seus versículos. O resultado de nos lembrarmos de Deus não é apenas ser lembrados por Ele no próximo mundo, mas igualmente adquirirmos paz interior neste mundo:

Ó vós que tendes fé! Lembrai-vos sempre de Deus e glorificai-O ao alvorecer e à noite. (33: 41)

Lembrai-vos do nome do Vosso Senhor ao alvorecer e durante a noite e ainda durante parte da madrugada; prostai-vos perante Ele e glorificai-O ao longo da longa noite. (76: 25-26)

Quando o *salāt* tiver terminado, correi para a terra e procurai a generosidade de Deus e lembrai-vos sempre de Deus. (62: 10)

Deus guia em Sua direção todos aqueles que se voltam para Ele, aqueles que têm fé e têm o seu coração em descanso na lembrança de Deus — de fato na lembrança de Deus os corações encontram o seu descanso. Aqueles que têm fé e executam as suas ações — para eles está reservada uma moradia futura abençoada e bela. (13: 28-29)

A resposta humana errada às lembranças proféticas é a negação da verdade das mensagens, continuando-se a levar adiante os negócios como sempre. Se olharmos a situação sob uma perspectiva levemente diferente, podemos dizer que ao nos tornarmos preocupados com as coisas e responsabilidades do mundo certamente entraremos em um caminho que conduz ao descuido:

Quem é mais transgressor do que aquele que foi lembrado dos sinais do seu Senhor e então deu as costas a eles? (18: 57, 32: 22)

Infelizes daqueles cujos corações estão endurecidos diante das lembranças de Deus! (39: 22)

Ó vós que tendes fé, estar em meio a vossas esposas e filhos representa estar em meio a vossos inimigos... A vossa riqueza e os vossos filhos são apenas um julgamento. (64: 14-15).

O esquecimento de Deus representa seguir as trapaças de Satã, já que o esquecimento humano é exatamente o que Satã tenta obter. Depois os homens se tornam joguetes em suas mãos. Todavia, mais uma vez Satã não está agindo independentemente de Deus, por-

que o próprio Deus vira o esquecimento das pessoas em sua direção e na de seus agentes:

Todo aquele que cega a si mesmo às lembranças do Misericordioso, a ele designamos um Satã que se torna então seu companheiro. (43: 36)

Ó vós que tendes fé! Não permitais nem que vossas propriedades e nem vossos filhos vos desviem das lembranças de Deus. Todos aqueles que assim agem — todos tornam-se perdedores. (63: 9)

A esta altura talvez seja necessário que coloquemos em destaque o que está em debate nestes versículos ao relembrarmos a compreensão islâmica da natureza humana. Ser humano significa nascer com o *fiṭra*, que é um reconhecimento inato do *tawḥīd*, misticamente representado pela Aliança de Alastu e pela Confiança não já nada externo ou sobreposto a este *fiṭra* — ele é precisamente o que torna as pessoas humanas. Todavia, o *fiṭra* tende a se tornar obscurecido pela educação e pelas circunstâncias e, então, as pessoas se tornam menos do que humanas. Elas são “surdas, mudas e cegas — como gado; não, ainda mais desviados”. *Dīkr* é o mais importante dos remédios para que se torne possível a atualização do *fiṭra*. O *dīkr* é a resposta piedosa de Deus ao descuido, e a resposta humana à piedade de Deus.

Ao resumirmos a importância do *dīkr*, citamos uma última passagem do *Alcorão* que tem um significado especial porque são as palavras de Deus dirigidas a Adão quando Ele o manda para a terra. Esta passagem representa as primeiras instruções de Deus para os seus servos e substitutos na terra. Ela sintetiza a visão islâmica dos conteúdos das mensagens proféticas e os conteúdos do *Alcorão*.

[Depois que Adão se esqueceu e desobedeceu a Deus], o Senhor o escolheu e o voltou novamente para ele, e Ele o guiou.

Disse Ele: “Descei para fora daqui, nós dois, e que cada um tenha um seu inimigo. Em qualquer momento que uma orientação vier até vocês provinda de Mim, então todo aquele que seguir a Minha orientação não ficará desorientado e nem ele deve sentir-se desgraçado. Todavia, aquele que virar as costas à Minha lembrança, está condenado a uma vida de mesquinhez e, no Dia da Ressurreição, Nós deveremos torná-lo cego. Ele deve dizer: ‘Ó meu Senhor, por que me tornastes cego, se antes eu podia enxergar?’”

“Deus deverá dizer: ‘E, no entanto, assim o é. Os Nossos sinais chegaram até vós e vós os esquecestes. E, por isto, hoje vós estais esquecidos.’” (20: 122-26)

Respondendo aos sinais de Deus

Os profetas e mensageiros levam os sinais de Deus, assim como os céus e a terra e tudo o que lhes está em torno distribuem seus sinais. A justa resposta humana é lembrar-se. O *Alcorão* emprega um grande número de outras palavras para sugerir o que a lembrança envolve, tais como ouvir, ver, refletir, prestar atenção e usar a inteligência. O ponto central é sempre o de que o homem não pode ser desorientado pelas aparências. Todos devem compreender este mundo dentro do contexto do *tawhīd*. A mensagem dos profetas é aquela de toda uma existência: as pessoas foram criadas para serem servos e substitutos de Deus.

Cada uma das palavras empregadas pelo *Alcorão* com o intuito de indicar a resposta humana correta aos sinais tem as suas implicações específicas. Aqui, logicamente, não podemos analisar todas estas palavras. Todavia, podemos citar algumas pas-

sagens representativas que sugerem a essência do texto do *Alcorão*:

Este é o caminho do seu Senhor, direto. Nós diferenciamos os sinais para aqueles que o lembrarem. (6: 126)

Mesmo assim, Nós fizemos uma lista dos sinais para aqueles que são gratos. (7: 58)

Ainda que Deus tenha tornado claro os sinais para vós, de qualquer forma talvez vós devais refletir. (2: 266)

Agora, Nós tornamos os sinais claros para vós, caso vós tenhais inteligência. (3: 118)

Estejam atentos a como elencamos os sinais e talvez assim eles os entendam. (6: 65)

Nós diferenciamos os sinais para as pessoas que sabem. (6: 97)

Aqui estão os sinais para aqueles que têm fé. (6: 99)

Na alternância entre o dia e a noite, e no que Deus criou nos céus e na terra — certamente há sinais para homens que são cautelosos com Deus. (10: 6)

Foi Ele quem criou para vós a noite para repousar, e o dia para ver; certamente nisto existem sinais para aqueles capazes de ouvir. (10: 67)

Ele diferenciou os sinais. Talvez vós ganhais confiança no encontro com o seu Senhor. (13: 2)

Com certeza ali existem sinais para todos os que forem pacientes e gratos. (14: 5)

Vós não ireis guiar o cego para longe de seu erro, e nem fareis com que alguém ouça, exceto aqueles que têm fé nos Nossos sinais e estes são os muçulmanos. (27: 81)

Assim como lembrar e cuidar dos sinais é uma marca daqueles que têm fé, ignorá-los e virar as costas para eles é a marca dos ocultadores da verdade. Todas as qualidades positivas da nature-

za humana aparecem através da lembrança, enquanto todas as qualidades negativas surgem como um resultado do esquecimento e da negação:

Muitas são as pessoas descuidadas com relação aos Nossos sinais. (10: 92)

Nós enviamos para vós sinais e explicações claras e somente os transgressores ocultam esta verdade. (2: 99)

Vede como Nós tornamos claros os sinais para eles, agora vede como eles lhes deram as costas! (5: 75)

Quem pode cometer erro maior do que aquele que grita mentiras diante dos sinais de Deus e dá as costas para eles? (6: 157)

Quem pode cometer erro maior do que aquele que, lembrando-se dos sinais do Senhor, dá as costas para eles e se esquece do que suas mãos enviaram adiante? (18: 57)

Desgraçado será todo aquele impostor que ouve os sinais de Deus serem recitados para ele e persevera em insistir em sua grandeza, como se não os tivesse escutado! (45: 7-8)

Aqueles que gritam mentiras contra os Nossos sinais são surdos e mudos, habitando nas trevas. (6: 39)

Apenas os transgressores negam os Nossos sinais. (29: 49)

Aqueles que gritam mentiras diante de Nossos sinais e clamam grandeza perante eles — os portões do céu não se abrirão para eles. (7: 40)

Orientação e desorientação

Se o *dikr* representa tanto a função dos profetas quanto a justa resposta dos homens aos profetas, a orientação (*hudā*) representa o atributo divino que é incorporado pelos profetas. Ela resume em uma única palavra tanto a motivação Divina para enviar os

profetas quanto a sua atividade no mundo. Se o oposto de *dikr* é o esquecimento e o descuido, o oposto da orientação é a desorientação (*idlāl*) e o desvio (*igwā'*). Assim como os profetas encarnam a orientação de Deus, Satã encarna a capacidade de desorientação e de erro.

Guiar um povo significa levá-lo por um caminho que o conduza a um objetivo. O caminho, neste caso, são as instruções específicas dadas a cada um dos mensageiros ou, mais especificamente, o *Sharī'a* dado a Muḥammad. O objetivo ao qual o caminho deve conduzir é a salvação ou o paraíso.

Discutiremos a natureza da salvação em detalhes quando falarmos sobre o Retorno. No momento, podemos dizer que a salvação significa a felicidade humana com base na atualização do *fiṭra*. Ser feliz significa ser inteiramente si mesmo. A individualidade humana é definida pela forma divina na qual as pessoas foram criadas. Portanto, a felicidade e a satisfação dependem do conhecimento dos nomes que foram ensinados a Adão e de uma vida que esteja de acordo com estas implicações.

Um dos nomes presentes no *Alcorão* para designar Deus é Guia. Por isto a fórmula do *tawḥīd* exige: "Não há nenhum outro guia além de Deus". Toda a orientação provém de Deus, e os profetas simplesmente têm a função de representantes de Deus. O *Alcorão* e outras escrituras são as formas orais e escritas da orientação de Deus:

Deus é sempre o Guia daqueles que têm fé em um único caminho. (22: 54)

O Seu Senhor é suficiente para ser o seu Guia e o seu auxílio. (25: 31)

Diga: "Realmente a orientação de Deus — esta é a orientação!" (2: 120, 3: 73, 6: 71)

Todo aquele que Deus guiar — este será o guiado. (7: 178)

Ele enviou a Tora, e o Evangelho antes como formas de orientação para o povo. (3: 4)

Estes são os sinais do *Alcorão* e um Livro Claro, uma orientação e boas novas para aqueles que têm fé. (27: 2)

Sobre aqueles em que recaírem as bênçãos e a piedade providas do Senhor — estes são os guiados. (2: 157)

A orientação de Deus está ligada à sua piedade, como este último versículo deixa claro. Quando Deus guia um povo, ele o faz em nome da misericórdia, da bondade e da beleza. O resultado da orientação é a proximidade de Deus, e o *Alcorão* se refere àqueles que habitam os mais elevados níveis do paraíso como “aqueles que estiveram próximos”. A proximidade de Deus depende do *tawhīd*, através do qual os seres humanos estabelecem uma correta relação com o Real.

Ao contrário da orientação, a desorientação está intimamente associada à cólera e à severidade. Aqueles que se desviam dão as costas para Deus, não vêm em sua direção. Por isso, eles se distanciam dele cada vez mais. Eles se tornam cada vez mais presas da dispersão, da multiplicidade, da separação, da desconexão, da desarmonia e da dissolução. A distância de Deus é atributo dos nomes divinos que designam a sua incapacidade de ser comparável, a sua inacessibilidade, a sua diferença e outros.

Qual é a fonte da desorientação? À primeira vista, devemos dizer que se trata de Satã, o arquiinimigo dos seres humanos. O *Alcorão* cita o profeta Moisés ao dizer, “este é um feito de Satã. Ele é certamente um inimigo e claramente um desorientador” (28: 15)

No Dia da Ressurreição, segundo o que nos diz o *Alcorão*, Deus ordenará aos pecadores que fiquem distantes dele, tal como eles escolheram:

Agora, neste Dia, ficai longe, vós pecadores! Eu não fiz um pacto com vós, Filhos de Adão, para que nunca cultuassem Satã — ele é claramente um inimigo de vós — e para que vós Me cultuassem? Este é um caminho único. Todavia ele desorientou muitos dentre vós. Vós não entendestes? Esta é Geena, portanto, a mesma que vós prometestes! (36: 59-63)

Além de Satã, outros são citados como fontes de desorientação. Dentre estes está o capricho, que já encontramos como o pior de todos os falsos deuses: “Não sigais o capricho, ele vos desorientará do caminho de Deus” (38: 26). O retrato do capricho que aparece no *Alcorão* nos permite afirmar que representa Satã em meio a nós mesmos. Todos nós experimentamos o vento do capricho, que nos sopra de um lado para outro, embora ele sempre sopra para longe da orientação de Deus. O oposto do capricho é a inteligência (*'aql*), e a inteligência é compreendida como a faculdade luminosa e angelical em nosso meio capaz de reconhecer a orientação de Deus no momento em que a vemos. Algumas vezes foi dito que a inteligência é o profeta em meio à alma humana.

Dentre os seres humanos, o *Alcorão* coloca em relevo o Faraó como um desorientador. Não há nada de surpreendente neste fato, visto que o Faraó, no contexto do *Alcorão*, possui todas as qualidades de Satã, especialmente um enorme orgulho. Assim como Moisés é mencionado 136 vezes no *Alcorão*, muito mais do que qualquer outro profeta, o mesmo acontece com o Faraó, arquiinimigo de Moisés, que é mencionado 74 vezes, muito mais do que qualquer outro transgressor. De fato, as descrições contidas no *Alcorão* quanto às suas atividades resumem todas as más qualidades que um ser humano pode possuir. Já seria um argumento suficiente contra ele o fato de ter exigido a sua própria divindade ao dizer: “Eu sou o seu Senhor, o Mais Alto” (79: 24). Todavia,

todos os seres humanos que seguem o capricho como seu deus exigem o mesmo, já que o capricho é simplesmente a sua própria identidade.

Ao atribuir a desorientação ao capricho e ao Faraó, o *Alcorão* está, de fato, atribuindo-a Satã, visto que o capricho e o Faraó encarnam todas as características de Satã. Todavia, o capricho representa Satã em meio à alma humana, enquanto o Faraó o representa na sociedade humana.

O *Alcorão* deixa claro que Satã é o grande inimigo dos seres humanos, referindo-se a ele como inimigo em dezenas de versículos. Entretanto, é bastante significativo que o *Alcorão* jamais se refira a Satã como um inimigo de Deus, muito embora esteja implícito que ele é um inimigo de Deus, já que ele denomina os ocultadores da verdade de inimigos de Deus. Contudo, o *Alcorão* poderia facilmente ter chamado Satã de inimigo de Deus, já que freqüentemente o chama de inimigo dos seres humanos. Isto sugere que o *Alcorão* está aludindo a um ponto que já discutimos antes. Muito embora Iblis tenha desobedecido a Deus, ele continua a executar a obra de Deus ao tornar possível a escolha entre o bem e o mal. As pessoas não poderiam ter um inimigo pior do que Satã, pois ele os conduz ao inferno. O inferno, porém, também é uma criatura de Deus, criada com um propósito. O *Alcorão* deixa claro que até mesmo o inferno tem os seus direitos:

Virá o dia em que Nós possamos dizer à Geena: “Estás repleta?” e ela poderá responder: “Há mais ainda?” (50: 30)

Sem Satã o inferno não teria habitantes. Portanto, também, sem as escolhas que se tornam possíveis graças a Satã, não haveria nenhum domínio moral, já que não poderia haver distinção entre o bem e o mal.

O *Alcorão*, na realidade, atribui explicitamente a desorientação ao próprio Deus. Apenas em cinco versos ele a atribui diretamente a Satã, porém em mais de trinta versos ele torna Deus o sujeito do verbo *desorientar*.

Deus orienta aqueles que Ele deseja e desorienta aqueles que Ele deseja. (14:4, 74: 31)

Todo aquele que Deus guia — este será o guiado; e todos aqueles que Deus desorienta — estes serão os perdedores. (7: 178)

Aqueles que Deus desorienta não terão um guia. (7: 186, 13: 33, 39: 23)

Alguns teólogos muçulmanos sempre se esforçaram por interpretar esta atribuição de desorientação a Deus de forma a proteger a sua idéia do que é próprio e impróprio para Deus. Aparentemente, eles perceberam que Deus precisava ser defendido contra as suspeitas dos homens, ou talvez eles simplesmente sintam que Deus não pretende dizer o que diz, visto que suas palavras vão contra as suas idéias de moralidade. Todavia, vários pensadores muçulmanos dos tempos clássicos não têm receio algum em deixar que o *Alcorão* diga o que está dizendo. Eles chegam mesmo à conclusão de que Desorientador (*al-mudill*) é um nome de Deus juntamente com Orientador. Logicamente este ponto levanta elementos teológicos sensíveis e, uma vez que nós o mencionamos, não temos outra escolha senão tentarmos endereçá-lo. Entretanto, antes de mais nada, damos uma olhada na maneira pela qual o *Alcorão* atribui a desorientação a Deus.

A orientação é um atributo exclusivo de Deus, já que não existe outro Guia senão Deus. Apesar dos profetas manifestarem este atributo divino por meio das mensagens que trazem, eles não têm nenhum poder para guiar o povo por conta própria. Muito menos

podem os mortais guiar outros, visto que nem os profetas o podem fazer. Aos profetas foram dadas mensagens a serem entregues, porém a orientação em si é um dever de Deus:

Obedece a Deus e obedece ao Mensageiro, e sê cauteloso. Todavia, se virares as costas, saiba que somente o Nosso Mensageiro pode entregar mensagens claras. (5: 92)

Se eles virarem as costas, cabe a ti somente entregar a mensagem. (3: 20)

Isto não significa que Muḥammad e os outros profetas não sejam guias. Certamente eles o são. “E vós, certamente vós guiastes para o caminho certo” (42: 52). Entretanto, Muḥammad guia na qualidade de mensageiro de Deus, e não como um ser humano com vontades próprias:

Quem deve orientar aqueles a quem Deus desorientou? (30: 29)

Vós guiastes não aqueles de quem gostáveis, porém Deus guia quem Ele deseja e Ele conhece muito bem aqueles que são guiados. (28: 56)

Como devemos fazer para que o surdo ouça ou o que devemos fazer para guiarmos o cego e quem está claramente desorientado? (43: 40)

Como desejais guiar aquele que Deus desorientou? Aquele que Deus desorienta — para ele não podeis encontrar um caminho. (4: 88)

Se, de um lado, o *Alcorão* atribui a desorientação a Deus, de outro ele permite que a culpa pela desorientação recaia sobre aqueles que foram desorientados, já que Deus desorienta apenas aqueles que são falseadores:

Deus jamais desorientaria uma pessoa após Ele a ter guiado, até que deixasse claro como ele deveria ser cauteloso. (9: 115)

Mesmo assim, Deus desorienta os falseadores da verdade. (40: 74)

Mesmo assim, Deus desorienta aquele que é um dissipador duvidoso. (40: 34)

Portanto, a desorientação de Deus é dirigida contra aqueles que não têm fé, aqueles que de forma ativa e consciente ocultam a verdade das mensagens proféticas e demonstram a sua ingratidão em relação às bênçãos que lhes foram dadas por Deus. Os transgressores não podem culpar Deus por tê-los desorientado, assim como não podem culpar Satã. O *Alcorão* registra que no dia da ressurreição, Satã se dirigirá a seus seguidores usando as seguintes palavras:

Deus certamente vos ofereceu uma verdadeira promessa, e eu vos prometi. Então eu falhei com vós por não possuir autoridade sobre vós. Eu simplesmente vos chamei e vós me respondestes. Portanto, não me culpai, mas culpai a vós mesmos. (14: 22)

O erro

O fato de que os seres humanos devem se culpar pelos infortúnios pelos quais passarão no próximo mundo é um tema constante no *Alcorão*. Tomemos, por exemplo, a idéia do erro (*zulm*), que é um dos termos mais amplos e comuns empregados no *Alcorão* para denominar todas as ações negativas cometidas pelos seres humanos. Já dissemos anteriormente que o erro é o oposto da justiça e que a justiça é o ato de colocar tudo em seus devidos

lugares. Portanto, o erro reside em colocar as coisas nos lugares aos quais elas não pertencem. Ele é, por exemplo, o ato de associar outros a Deus. Os outros não pertencem ao lugar da divindade. É colocar palavras falsas onde deveriam estar aquelas verdadeiras, ou colocar a propriedade de alguma outra pessoa no lugar que lhe pertence. Significa colocar uma ação proibida ou permissiva em lugar de um ato devido, por exemplo, fazendo alguma outra coisa em vez do exigido *ṣalāt*.

Contra quem erramos? Em primeiro lugar, é impossível errar contra Deus, já que todas as coisas são suas criaturas e todas executam a sua obra. Portanto, o erro é uma atividade dirigida contra as pessoas, por exemplo. Todavia, podemos nos perguntar: Como eu poderia errar contra os outros não executando o *ṣalāt*, que é algo entre mim e Deus? Se há algo de errado nisto, não estaria eu errando contra Deus? Segundo a perspectiva do *Alcorão*, este não é definitivamente o caso. Em tal situação, a única vítima do erro é a própria pessoa.

Deus não tem necessidade de suas criaturas. O que Deus poderia querer de um bando de pessoas de pé, se curvando e murmurando palavras que elas sequer compreendem? Deus não prescreveu o *Shari'a* para o seu próprio bem, e sim para o bem dos seres humanos. São eles que precisam ser socorridos, já que Ele gradualmente os conduz à harmonia através do que é bom e real. Quando eles se recusam a seguir as suas instruções, eles estão simplesmente sendo ingratos (*kāfir*). Portanto, estão fazendo algo errado.

Nos 250 versículos nos quais o *Alcorão* menciona o erro e os transgressores, ele apenas menciona o objeto do erro em 25 versículos. Em um dos versículos, o objeto é o povo: “O caminho está aberto apenas contra aqueles que erram contra o povo, e se comportam na terra de forma injustamente insolente” (42: 42). Em um segundo versículo, o objeto do erro são os sinais de Deus.

Deus revela os seus sinais tanto no mundo natural quanto nas escrituras, de forma a que o povo possa ser guiado. Quando o povo ignora os sinais, ele está errando contra estes, e ao errar contra os sinais, ele está se ferindo, e eles o descobrirão quando seus feitos forem pesados na balança no dia da ressurreição:

A medida neste dia é verdadeira. Aqueles em que a balança estiver pesada — são os prósperos. Todavia, aqueles em que a balança estiver leve — eles terão se perdido por terem errado contra os Nossos sinais. (7: 8-9)

Nos restantes vinte e poucos versículos nos quais o objeto do erro é mencionado, os transgressores são considerados como pessoas que erraram contra si mesmas. Ao mesmo tempo, o *Alcorão* afirma que Deus jamais comete erro algum contra ninguém. Ele não pode ser culpado se as pessoas sofrem as conseqüências de suas próprias ações errôneas. São eles próprios a trazerem o mal sobre si. Além disto, o *Alcorão* também nos diz em trechos específicos que o erro não causa nenhum efeito contra Deus:

E eles não agiram de forma errada quanto a Nós, porém erram contra si mesmos. (2: 57, 7: 160)

Deus não causa nenhum tipo de erro às pessoas, mas as pessoas erram contra si mesmas. (10: 44)

E Nós não lhes causamos erro algum, eles erraram contra si próprios. (11: 101)

Todo aquele que comete um ato horrendo ou erra contra ele próprio e, então, pede perdão a Deus, ele deve descobrir que Deus é Perdão, Compaixão. (4: 110)

Segundo a visão do *Alcorão*, as pessoas devem reconhecer que tudo aquilo que fazem conta a seu favor ou contra elas. Eles nada

podem fazer que fira Deus, assim como nada podem fazer que O beneficie. Ele é “independente dos mundos”, e nada que seja feito por uma criatura pode causar-lhe efeito algum. As pessoas jogam o jogo da salvação e da danação para o seu próprio benefício ou perda. Deus está ali, ao lado, pronto a lhes oferecer compaixão e misericórdia, porém ele os deixa fazer as suas próprias escolhas. Ele não os pode forçar a fazer a escolha certa a menos que afaste deles a Confiança e, se ele afastar a Confiança, eles não mais serão humanos. Ou melhor, eles se juntarão ao céu, à terra e às montanhas, todos aqueles que se recusaram a carregar a Confiança:

Aquele que peca, peca apenas contra si mesmo. (4: 111)

Todo aquele que é guiado, é guiado em seu próprio benefício, e todo aquele que adere à desorientação, é somente para a sua própria perdição. (10: 108, 17: 15)

Todo aquele que demonstra gratidão o faz somente em proveito próprio, e todo aquele que é ingrato — o meu Senhor é o Independente, o Generoso. (27: 40)

Todo aquele que luta, luta apenas em proveito próprio. Deus é certamente Independente dos mundos. (29: 6)

Os seguintes versículos do *Alcorão* resumem de forma belíssima as idéias que acabamos de discutir. Nós explicamos cada seção da passagem para que o seu sentido fique de todo claro:

Ó povo, vós sois aqueles que precisais de Deus, e Deus, Ele é Independente, o Louvável. Se Ele desejar, Ele pode deixar-nos de lado e fazer uma nova criação; este não é certamente um grande problema para Ele. (35: 15-17)

Deus não tem necessidade alguma da criação, porém as criaturas sempre precisam de Deus. Deus pode, caso assim o decida, des-

truir todo o universo e criar um outro. Ele não precisa destas partículas de poeira que se acham tão importantes.

Ninguém que esteja levando uma carga levará a carga de um outro. Se alguém que cai em virtude do peso de sua carga chama outra pessoa para levá-la, nada será carregado, ainda que esta pessoa seja um parente próximo. (35: 18)

Todos os seres humanos são responsáveis por si mesmos. Nem Deus, nem os profetas e nem pessoa alguma irá assumir a responsabilidade por suas ações.

Vós informastes apenas aqueles que temem o Deus Invisível e executam o *salāt*. E todo aquele que se purifica o faz apenas para o seu próprio bem. (35: 18)

Muhammad veio trazendo uma mensagem de Deus, contudo somente aqueles que têm fé e observam os Cinco Pilares ouvirão este aviso. Qualquer boa obra que eles façam terá o efeito de purificá-los do mal e das trevas, e isto beneficiará apenas a eles próprios.

Para Deus é a moradia que está por vir. Não são iguais o cego e aquele que vê, as trevas e a luz, o frescor e o calor tórrido, e não são iguais os vivos e os mortos. (35: 18-22)

O drama inteiro da existência humana se desenrola diante de Deus, a fonte de toda a realidade, o bem, a sabedoria e a justiça. As pessoas podem não estar conscientes da sua real situação, mas irão encará-la bem cedo. Então, elas descobrirão que a Realidade estabelece uma diferenciação entre aqueles que vêem e os que não, visto que a visão é uma qualidade divina, porém a cegueira é uma

qualidade irreal. Se as pessoas não conquistarem a capacidade de ver o que é Real, elas permanecerão cegas no próximo estágio da existência. Assim também se elas não compartilharem a luz, permanecerão nas trevas. Caso elas não conquistem a paz acolhedora que deriva da harmonia e do equilíbrio, elas cairão na dissolução ardente que deriva do desequilíbrio. Se elas não conquistarem a vida que vem através da consciência da verdade, permanecerão na morte da ignorância.

Finalmente, a passagem leva todo o drama de volta à questão da orientação e desorientação de Deus. Muito embora o livre-arbítrio seja bastante real e tenha uma importância essencial para os seres humanos, em última análise, é a própria Realidade que determina o que é conferido a cada indivíduo.

Deus ouve todo aquele que Ele deseja; vós não podeis fazer com que aqueles que se encontram nas tumbas ouçam — podeis apenas avisar. (35: 22-23)

Se uma pessoa está morta para a verdade, Muḥammad não pode trazê-la à vida. Somente o Real dá vida e a leva embora.

As duas mãos de Deus

Ao atribuírmos a desorientação a Deus, levantamos questões profundas. No ensinamento islâmico tradicional, estas questões são normalmente deixadas a cargo dos mais avançados pesquisadores do conhecimento. A maioria das pessoas acha muito difícil entender como um Deus, que elas aprenderam que era bom e misericordioso, pode desorientar as pessoas. Todavia, nós não deixaremos estas questões de fora para que algum outro as responda,

mas, ao contrário, tentaremos oferecer uma idéia de como os pensadores muçulmanos justificam a atribuição tanto da orientação quanto da desorientação a Deus. Não é difícil demonstrar que as posições básicas do Alcorão se encaixam bem nas insinuações do *tawḥīd* — *tanzīh* e *tashbīh*.

Para que possamos compreender sem preconceitos os elementos relacionados ao problema da orientação e da desorientação, é necessário que deixemos de lado a tendência usual de julgarmos Deus segundo os nossos próprios padrões sobre o que é certo ou errado, padrões que geralmente são definidos pelo espírito dos tempos. A visão básica do islamismo quanto às idéias humanas sobre Deus podem ser explicitadas de forma simples: Nós não podemos julgar Deus segundo a nossa própria compreensão, visto que Deus, que não pode ser comparado a mais nada, se apresenta infinitamente além da nossa habilidade de entendimento. Entretanto, nos é consentido sermos julgados segundo os parâmetros de Deus, já que Ele é o Criador e o Senhor de todo o cosmo. Para os muçulmanos, os parâmetros de Deus para os seres humanos podem ser encontrados primeiramente no *Alcorão* e secundariamente no ḥadīth.

Uma vez tendo estabelecido que a incomparabilidade de Deus evita uma completa compreensão, nós não iremos, no entanto, nos refugiar no mistério e simplesmente dizer que os muçulmanos devem aceitar sem questionar. A busca da compreensão é positiva, desde que você reconheça as suas próprias limitações e tenha a certeza de estar procurando as respostas nas fontes corretas. “Entre nas casas pela porta.” (2: 189)

Já vimos que quando Iblīs desobedeceu a Deus quando Adão foi criado, Deus lhe perguntou o porquê de sua recusa em se prostrar perante “Aquele que Eu criei com as minhas duas mãos”. Esta é uma das duas únicas menções do *Alcorão* quanto às “duas mãos”

de Deus, e vários comentaristas pressentem que este fato fornece uma alusão a uma idéia que tem implicações de dimensões bem maiores para o universo como um todo e para o problema do bem e do mal em todos os níveis.

O que são estas duas mãos de Deus? O *Alcorão* nos fornece alguma ajuda ao se referir aos “Companheiros da mão direita” e aos “Companheiros da mão esquerda” na Sura 56. Estes são os habitantes do paraíso e do inferno. Existe ainda um terceiro grupo de indivíduos, chamados os Primeiros, que avançaram para além da direita e da esquerda e entraram no grupo “Daqueles levados para perto de Deus”.

Muitas autoridades muçulmanas insistem em que as duas mãos de Deus, com as quais Deus criou Adão, se referem aos dois tipos básicos dos atributos divinos que entram nas características dos seres humanos, que foram criados segundo a forma de todos os atributos divinos. Estes dois tipos de atributos são logicamente os nomes da beleza e da majestade, ou misericórdia e cólera, ou *tashbīh* e *tanzīh*. Os Companheiros da Esquerda vivem no inferno porque eles são dominados pelos nomes da majestade, que exige o distanciamento entre eles e Deus. Os Companheiros da Direita vivem no paraíso porque os atributos que predominam em suas características são os nomes da misericórdia e da beleza, que conduzem à proximidade com Deus.

Poderíamos perguntar: Por que Deus permite que certas criaturas fiquem longe Dele e sofram por isto? Isto é o mesmo que perguntar por que Deus possui duas mãos, uma direita e outra esquerda. Reparem que a pergunta tem duas partes e que a segunda parte é, na verdade, uma repetição da primeira. Perguntar por que Deus permite que as pessoas sofram é o mesmo que perguntar por que Ele permite que fiquem afastadas Dele. Estar longe de Deus é ser privado dos atributos divinos fundamentais, tais

como a unidade, a realidade, a totalidade, a bondade e a luminosidade. Qualquer um a quem faltem tais qualidades é vítima da multiplicidade, da dispersão, do desequilíbrio, da irrealidade, do mal e das trevas. Vistas como uma descrição da psique humana, estas qualidades exigem todas desarmonia, confusão, sofrimento e até mesmo loucura.

Portanto, a pergunta que se subentende é: Por que existe alguma coisa afastada de Deus? A primeira resposta é aquela do *tanzīh*: Tudo está afastado de Deus, visto que “Não há nenhum deus, porém Deus”. Apenas Deus é luminoso e real. Qualquer outra coisa além de Deus é escura e irreal.

Quando levamos em consideração o *tashbīh*, vemos que as coisas do universo mantêm relações diferentes com Deus. Algumas delas estão mais próximas de Deus, enquanto outras estão mais afastadas. Não há nada tão próximo de Deus, visto que só poderia ser o próprio Deus. E tampouco há algo tão afastado de Deus, já que tal coisa não poderia existir — não haveria realidade, uma vez que a realidade pertence somente a Deus.

Quem somos nós para julgar a proximidade ou a distância? Aquilo que reflete e manifesta os atributos de Deus está próximo de Deus. Os anjos estão próximos de Deus por serem feitos de luz, enquanto as coisas corpóreas se encontram afastadas de Deus porque foram criadas a partir do barro.

A esta altura poderíamos perguntar: Por que Deus não criou tudo a partir da luz? Nós responderíamos que assim ele o fez, mas algumas luzes brilham mais do que outras. Quando a luz é muito fraca, ela é chamada de fogo. Quando ela é tão sombria que dificilmente consegue ser notada, ela é chamada de barro. Todavia, existe apenas a luz, visto que a própria escuridão nada mais é do que a falta de luz. A escuridão não pode existir porque toda a

realidade pertence à luz. Neste sentido, tudo aquilo que existe é, no mínimo, uma faísca de luz. Não existem as trevas.

Caso você não tenha ficado satisfeito com o exemplo da luz, podemos substituí-lo por qualquer dos nomes dos atributos e elaborar o mesmo tipo de argumentação. Por exemplo: Os anjos estão próximos de Deus e os corpos longe porque os anjos são manifestações diretas do atributo divino do conhecimento, enquanto não podemos falar de um conhecimento das coisas corpóreas. Todavia, em última análise, devemos dizer que todas as coisas, até mesmo as pedras, têm um conhecimento. Trata-se simplesmente do fato de que o nível de conhecimento difere, por isto há sempre algo (ou alguém) que possui um conhecimento maior, assim como algo cujo conhecimento é menor. O *Alcorão* afirma: “Acima de todos aqueles que têm um conhecimento há sempre aquele que sabe [mais]” (12: 76). Conseqüentemente, abaixo de todo aquele que possui conhecimento há SEMPRE alguém que sabe menos. Você poderia objetar e perguntar: Como as pedras podem ter conhecimento? Nós poderíamos responder que elas sabem muito bem como permanecer em um lugar. E não se trata apenas disto, elas estão incluídas no “tudo” ao qual o *Alcorão* se refere ao dizer: “Tudo o que está no céu e na terra glorifica Deus” (57: 1, 59: 1). Como algo que não possui o conhecimento de Deus pode glorificá-lo? Contudo, o conhecimento de uma pedra não é como o nosso conhecimento, porém, mais uma vez, o nosso conhecimento não é como o conhecimento de Deus, embora utilizemos o mesmo termo.

Voltemos à questão originária: Por que Deus permite que certas criaturas fiquem afastadas Dele? A esta altura não deveríamos nos surpreender se disséssemos que o verdadeiro significado da questão é: Por que Deus não criou todas as coisas a partir da mesma intensidade de luz ou da mesma intensidade de conhecimen-

to, de vida ou de discurso? A primeira resposta é a de que se ele assim o tivesse feito, ele não teria uma multiplicidade de criaturas e sim uma única criatura. Para onde isto nos leva?

A partir do momento em que Deus criou duas criaturas, elas deveriam ser diferentes em alguns de seus atributos. Caso elas não fossem diferentes em nenhum aspecto, elas não seriam duas. Olhando para os aspectos nos quais elas diferem, podemos compará-las. Podemos dizer que uma é mais luminosa e a outra menos, ou — e isto diz respeito à mesma coisa — uma é luminosa e a outra obscura. É verdade que mesmo a obscura é luminosa se comparada à falta total de luz, assim como um simples fósforo queimando é luminoso em relação à meia-noite. Todavia, este mesmo fósforo é escuro em relação a um feixe de luz, ou a uma lâmpada de 100 watts, ou à lua, ou ao sol, e assim por diante. A luminosidade e a escuridão são coisas relativas, da mesma forma que o conhecimento e a ignorância, a vida e a morte, o discurso e a mudez, o poder e a fraqueza, a felicidade e a tristeza.

Voltemos ao nosso ponto de partida, a questão da orientação e da desorientação. Por que Deus orienta alguns e desorienta outros? Nós também poderíamos nos perguntar: Por que Deus tem atributos do *tanzih* e atributos do *tashbih*? Por que ele é tão misericordioso quanto colérico? Por que Deus não pode ser apenas misericordioso? A resposta deveria estar clara: Porque senão ele não seria Deus.

Deus é aquela realidade que compreende tudo o que é real, bom, positivo e útil e que espalha estas qualidades criando um cosmo infinito. Tudo o que está no cosmo é “algo que não é Deus” e, neste sentido, é governado pela mão esquerda de Deus: ele está afastado de Deus, enquanto Deus, em relação a ele, é transcendente, inacessível, majestoso, severo e colérico. Ao mesmo tempo, tudo aquilo que está no universo é governado pela mão direita

de Deus: está próximo de Deus, enquanto Deus, em relação a ele, é imanente, acessível, belo, gentil e misericordioso.

Para que cada coisa seja diferente das outras, as duas mãos de Deus não podem estabelecer a mesma relação com ambas as coisas. Caso as duas mãos lidassem com as duas coisas exatamente da mesma maneira, as duas coisas se tornariam uma única. Uma vez que tudo é diferente, a forma como as mãos de Deus se inter-relacionam é diferente para cada coisa. No caso de certas criaturas (tais como aquelas corpóreas e os satãs), os atributos da mão esquerda de Deus manifestam o seu efeito de forma mais clara, enquanto em outras coisas (como aquelas luminosas e os anjos), os atributos de sua mão direita predominam.

Os seres humanos são moldados com ambas as mãos, de forma a que nem a direita e nem a esquerda tenham precedência. Todavia, isto se refere àqueles que são inteiramente humanos, que realizam a forma de Deus em sua total manifestação, e apenas poucas pessoas se enquadram nesta situação. Na maioria das pessoas, ou a mão direita ou a esquerda predomina. Isto determina se a pessoa terminará dentre os companheiros da mão esquerda ou da mão direita; ou seja, um habitante do inferno ou do paraíso. Um *hadith* faz um resumo deste quadro:

Deus criou Adão quando Ele o criou. Depois Ele bateu em seu ombro direito e retirou a sua semente branca como o pó, e Ele bateu em seu ombro esquerdo e retirou a sua semente preta como, carvão. Então Ele disse àqueles em Sua mão direita: “Para o Jardim e não me importo”, e Ele disse àqueles em sua mão esquerda: “Para o fogo e não me importo.”

Qual é a resposta humana a esta situação? Para os muçulmanos significa evitar a mão da cólera e buscar a mão da misericórdia. É

tentar ficar longe de Satã onde quer que ele apareça, ou seja, manter-se afastado da qualidade da desorientação, tanto se aparece como Iblīs, o Faraó ou o capricho. Portanto, significa seguir a orientação dos profetas e a inteligência. É observar a afirmação do Alcorão para procurar refúgio em Deus contra Satã: “Se a incitação de Satã puder instigá-lo, procure refúgio em Deus” (7: 200, 41: 36).

Para aqueles que têm olhos para ver as ramificações do *tawhīd* em todos os níveis, a resposta correta é imitar o Profeta em seu reconhecimento de que Deus possui duas mãos e de que uma pessoa não deverá lidar com ambas da mesma maneira. Como vimos, o Profeta costumava orar: “Ó Deus, eu procuro refúgio no Vosso gozo contra a Vossa ira, eu procuro refúgio no Vosso perdão contra a Vossa punição, eu procuro refúgio em Vós contra Vós.” Em outras palavras ele está dizendo: “Eu procuro refúgio na Vossa mão direita contra a Vossa mão esquerda.” Em última análise, apenas Deus é a realidade; portanto, não há mais nada em que ou contra o que as pessoas possam procurar refúgio.

Naturalmente, esta explicação sobre por que devem existir diferentes tipos de seres humanos, alguns destinados ao inferno e outros ao paraíso, não satisfará ninguém. Logicamente, alguém protestará de imediato: “Por que eu?” Todavia esta é uma forma de precipitação. Não sabemos se estamos destinados à mão direita ou à mão esquerda. Se você estiver sentado no paraíso, não irá se lamentar. Não parta do princípio de que Deus o colocará no inferno — isto seria perder a esperança na misericórdia de Deus, o que não é algo sábio a se fazer. Tenha presente em sua mente que mesmo os piores pecadores podem se arrepender, e o mais pio dentre os pios (como Iblīs) sempre pode cair. Todos se encontram na mesma situação, porque somos todos humanos. Até mesmo o Profeta Muḥammad, pelo que se sabe, teria dito:

Eu não crio benefício algum para mim mesmo, ou perdição, mas apenas segundo a vontade de Deus. Se eu conhecesse o que não pode ser visto, eu teria adquirido muitos bens e o mal não me teria tocado. Eu sou apenas aquele que aconselha e traz boas novas aos que têm fé. (7: 188)

Segundo, uma vez que você não sabe para onde irá, você é tão livre quanto a pessoa a seu lado para fazer as suas escolhas. Aqueles que aqui objetam quanto à distribuição feita por Deus frequentemente têm os seus motivos. Eles desejam nos convencer de que a resposta correta é dizer: “Bem, tudo já está acabado e resolvido; portanto, eu estou livre para pensar em meus negócios, já que não faz diferença alguma o que eu fizer. Se eu for para o inferno, não há nada que eu possa fazer para evitá-lo, e se eu for para o paraíso, não há nada que eu possa fazer para me ajudar.” Todavia, este tipo de argumentação, como Rūmī cita com grande clareza e humor, é simplesmente uma desculpa para não se fazer nada quanto a seu último destino. Ele resume esta visão no seguinte verso:

Os profetas são predestinatários na obra deste mundo, os ocultadores da verdade são os predestinatários na obra do próximo mundo.

Em outras palavras, aqueles que aprendem a lição que é ensinada pelo *Alcorão* entendem que não há nada que possam fazer quanto à sorte mundana; portanto, eles empregam todo o seu esforço em melhorar a sorte no próximo mundo. Ao contrário, aqueles que utilizam subterfúgios quanto à predestinação e ao livre-arbítrio se dedicarão em melhorar a sua sorte mundana enquanto negligenciam as ordens e proibições proféticas que foram delineadas para melhorar a sua situação futura.

Existe uma contradição inata ao afirmar que, visto que todas as coisas estão predestinadas, não faz nenhuma diferença aquilo que realizamos. A contradição não se encontra no nível filosófico, no qual o argumento faz sentido: ela reside no nível psicológico e prático. Para que possamos ver a natureza da contradição, é necessário que a levemos a um nível de discussão mais concreto.

Suponhamos que você esteja seguindo um curso superior de física difícil. E suponhamos que você aceite que tudo é predisposto por Deus. Você pode concluir que a nota que irá receber no curso já está determinada. Todavia, você poderá então concluir que não faz diferença se você frequentar ou não as aulas ou se ler ou não os livros? Ainda que você esteja predestinado a passar ou fracassar no curso, se você abandonar as aulas e sair ou for a festas, você terá eliminado qualquer possibilidade de passar. Caso queira ser aprovado, você deve assistir às aulas e ler, ainda que no final fracasse. O mais provável, no entanto, é que se você preencher todos os requisitos, irá passar. Tendo passado, você ficará sabendo que estava predestinado a passar. Caso tenha abandonado o curso, ficará sabendo que estava predestinado a fracassar.

Em resumo, no nível prático, não há contradição entre a predisposição e a liberdade humana, entre orientação e desorientação, entre misericórdia e cólera. As pessoas não sabem a que grupo pertencem, portanto, elas são livres para escolher. Na existência real de suas vidas cotidianas, elas não apenas admitem que possuem liberdade, mas a exigem na maioria daquilo que fazem. Segundo o Islã, Deus, em sua misericórdia, só fará com que sejam responsáveis pelas escolhas que elas tiverem afirmado serem suas. Ele não as chamará para prestar contas daquilo que para elas era impossível. Ainda que as pessoas desistam de todas as exigências — que é precisamente o sentido do Islã, se render ao Real —

elas ainda terão que fazer todo o esforço para colocar em prática o modelo profético. Em nenhum sentido a “predestinação” islâmica encoraja a preguiça ou a falta de iniciativa. É justamente o contrário, ela exige que haja esforço e luta. Todavia, ela orienta o esforço não em direção a este mundo, mas em direção ao outro mundo; não em direção à dispersão e *shirk*, e sim em direção a um ponto de convergência e ao *tawhīd*.

O Islã e outras religiões

A universalidade e a particularidade da profecia

A profecia é o meio pelo qual Deus oferece orientação aos seres humanos através de intermediários igualmente humanos. Assim como a misericórdia de Deus tem precedência sobre a sua ira além de determinar a natureza desta ira, da mesma forma a orientação de Deus tem precedência sobre a sua desorientação. A própria orientação exige a existência da desorientação. Sem que existisse a desorientação que é encarnada por Satã, as mensagens proféticas não teriam sentido. Sem a distância não haveria a proximidade, sem o erro, não haveria o acerto, sem as trevas não haveria a percepção da luz. Todas as distinções que permitem a existência do cosmo dependem da diversificação e da diferenciação das qualidades divinas. Em um nível moral e espiritual, esta diversificação se manifesta através dos caminhos da orientação e da desorientação, representados pelos profetas e pelo satã.

Onde quer que existam profetas, também existem satãs. O *Alcorão* utiliza o termo *satã* para se referir tanto a alguns jinns quanto a alguns seres humanos. Ser um satã significa ser um inimigo dos profetas e uma encarnação da desorientação:

Nós designamos para cada profeta um inimigo — satã dentre os humanos e os jinns, que revelam palavras fantasiosas uns aos outros como desilusão. Como o vosso Senhor já havia desejado, eles jamais o fizeram. Portanto, deixem-nos com o que estão arquitetando. (6: 112)

Assim como Adão, nosso pai e o primeiro dentre os profetas, viu-se obrigado a encarar Iblīs, também nós temos que encarar Iblīs, a sua descendência e os seus seguidores. A desorientação é um fenômeno universal, que pode ser encontrado tanto no mundo externo quanto dentro de nós mesmos. Da mesma forma, também a orientação é um fenômeno universal. Em resumo, a raça humana é inconcebível sem a existência tanto dos profetas quanto dos satãs, porque os seres humanos são definidos pela liberdade que receberam quando foram feitos à semelhança divina. Eles são capazes de fazer suas escolhas dentre os atributos divinos, porque todos os atributos divinos podem ser encontrados dentro deles próprios. Assim como eles podem escolher a mão direita de Deus ao seguirem a orientação, eles podem igualmente escolher a mão esquerda, seguindo a desorientação. Sem tal escolha eles não poderiam ser livres para aceitar a Confiança.

Como já vimos anteriormente, a mensagem fundamental dos profetas é o *tawhīd*. Dentro da perspectiva islâmica, todos os profetas trouxeram o primeiro *Shahāda*: “Nós jamais enviamos um mensageiro antes de termos certeza do que Nós nos revelamos a eles dizendo, ‘Não há outro deus além de Mim, portanto me cultuem’” (21: 25). Ao contrário do primeiro *Shahāda*, que designa a orientação divina que é incorporada por todos os profetas, o segundo *Shahāda* se circunscreve ao domínio específico da mensagem trazida por Muḥammad. Outros profetas têm as suas próprias mensagens que correspondem ao segundo *Shahāda*:

Todas as nações têm os seus mensageiros. (10: 47)

Nós não enviamos nenhum mensageiro a não ser que conheça a língua do seu povo. (14: 4)

Para todos vós [mensageiros] assinalamos um caminho reto e uma estrada aberta. (5: 48)

O *Alcorão* insiste quanto ao fato de que os muçulmanos não deveriam fazer distinções entre os profetas de Deus. Cada profeta, afinal, foi enviado por Deus com uma orientação, e a sua principal mensagem é a mesma:

Diga: Temos fé em Deus e no que foi enviado por Abraão, Ismael, Isaac e Jacó, e pelas Tribos e no que foi dado a Moisés e Jesus e aos profetas pelo seu Senhor. Nós não fazemos distinção alguma entre qualquer deles e a Ele nos submetemos. (2: 136, cf 2: 285, 3: 84)

O *Alcorão* nos diz em vários versículos que os últimos profetas vieram para confirmar as mensagens dos primeiros profetas:

Foi quando Jesus, filho de Maria, disse: “Filhos de Israel, Eu sou realmente o mensageiro de Deus para vós, confirmando a Torá que veio antes de mim...” (61: 6)

Ele enviou a vós o Livro com a verdade, confirmando o que havia antes dele, e Ele enviou a Torá e o Evangelho como orientação para os povos. (3: 3)

Ao mesmo tempo, o *Alcorão* deixa claro que os detalhes das mensagens diferem. Qualquer distinção relativa aos mensageiros só deve ser feita com base nas diferenças em suas mensagens:

E tais mensageiros — alguns Nós preferimos em meio aos outros. Dentre eles existem aqueles com os quais Deus falou, e Ele

elevou alguns deles em seus níveis. E Nós demos a Jesus, filho de Maria, explicações claras e Nós o confirmamos por meio do Espírito Santo. (2: 253)

E Nós preferimos alguns profetas a outros e Nós demos a Davi os Salmos. (17: 55)

A idéia de que todos os mensageiros trazem uma mensagem que se dirige especificamente ao povo ao qual ele foi enviado e de que, em seus detalhes, cada uma difere das outras está profundamente enraizada na consciência islâmica e se reflete nos títulos que normalmente são conferidos aos grandes mensageiros nos textos islâmicos. Cada um destes títulos designa uma qualidade especial do mensageiro que o distingue dos outros mensageiros. Por isto, o texto que acabamos de citar se refere a ele como “aquele a quem Deus falou”. Vários comentaristas acreditam que esta seja uma referência a Moisés, ao qual as fontes islâmicas dão o título de *kalīm* (o companheiro falante) porque Deus lhe falou de uma sarça ardente sem a intermediação de Gabriel e porque o *Alcorão* diz: “E perante Moisés Nós falamos diretamente” (4: 164). Todavia, os comentaristas acrescentam que também pode se referir a Adão, a quem Deus falou no Jardim, e a Muḥammad, a quem Deus falou no momento em que Muḥammad ascendeu até Deus (o *mir'āj*). Da mesma forma, Jesus é normalmente chamado de “espírito” de Deus e Abraão de “seu amigo mais íntimo” (*khalīl*).

Nos países islâmicos, especialmente naqueles nos quais o povo não recebeu a educação moderna, existe uma crença comum de que todas as religiões aceitam o primeiro *Shahāda*, mas de que cada religião tem um segundo *Shahāda* específico que difere daquele dos muçulmanos. É por isto que se acredita que os cristãos dizem: “Não há outro deus a não ser Deus, e Jesus é o espírito de

Deus”, enquanto os judeus dizem: “Não há outro deus a não ser Deus, e Moisés é o companheiro que fala em nome de Deus.”

O *Alcorão* reconhece explicitamente que, embora o primeiro *Shahāda* nunca mude, o domínio abrangido pelo segundo *Shahāda* difere de mensagem para mensagem. Por esta razão, todas as leis que são justas para os judeus, por exemplo, não são necessariamente justas para os cristãos, e nem as normas da *Shari‘a* muçulmana têm qualquer universalidade (apesar das reivindicações de alguns muçulmanos). No versículo a seguir, por exemplo, Deus explica que os judeus estão submetidos a certas proibições que não se aplicam aos muçulmanos:

E aos judeus Nós proibimos todos os animais com garras, e no que se refere a bois e carneiros lhes proibimos a gordura, salvo o que é carregado em seus lombos, ou as suas entranhas ou o que está misturado a seus ossos. (6: 145)

De forma semelhante, o *Alcorão* coloca as seguintes palavras, que são dirigidas aos Filhos de Israel, na boca de Jesus, para indicar que o seu *Shari‘a* difere daquele de Moisés.

[Eu fui enviado] para confirmar a verdade da Tora que veio antes de mim, e para tornar legais para vós certas coisas que antes vos eram proibidas. (3:50)

Uma oração que é freqüentemente recitada ao final do Sura 2 do *Alcorão* diz: “O nosso Senhor... não nos carregou com obrigações como Ele o fez com aqueles que vieram antes de nós” (2: 286). Os comentaristas afirmam que esta oração se refere à Tora que está repleta de obrigações bastante pesadas em comparação com a *Shari‘a* muçulmana que, nas palavras do *hadīth*, é “fácil, congenial” (*sahl samḥ*).

Uma das mais agradáveis expressões utilizadas para se referir às diferenças nas mensagens confiadas aos profetas é encontrada em uma narrativa modelo sobre a ascensão dos profetas até Deus, o *mir‘āj*. Como já vimos antes, Muḥammad encontrou numerosos profetas em seu caminho em direção aos céus. Quando ele encontrou-se com Deus, este lhe deu instruções para a sua comunidade. Em seu caminho de volta, Muḥammad parou em cada um dos céus para dizer adeus aos profetas. No sexto céu, logo abaixo do sétimo, ele encontrou Moisés. Moisés perguntou-lhe que tipo de ações de culto Deus lhe havia dado para a sua comunidade. Ele respondeu que Deus lhe havia dado cinquenta *ṣalāt* por dia. Moisés então lhe disse que seria melhor que ele voltasse e pedisse a Deus para tornar a sua carga mais leve. Ele sabia, por meio de sua própria experiência, que as pessoas não seriam capazes de carregar instruções tão difíceis. O Profeta continua:

Eu voltei e, após Ele as ter reduzido a dez, eu voltei para falar com Moisés. Moisés repetiu o mesmo de antes, portanto voltei novamente e, após Ele ter feito mais uma redução de dez, eu voltei até Moisés...

Finalmente, depois de Muḥammad ter ficado indo e voltando entre Deus e Moisés por diversas vezes, Deus reduziu os *ṣalāt* a cinco. Então Moisés disse a Muḥammad:

O seu povo não será capaz de observar cinco *ṣalāt*. Eu já testei os povos antes do seu tempo e trabalhei duro para prevenir os Filhos de Israel. Por isto volte até o Senhor e peça para que Ele torne as coisas mais leves para o seu povo.

Todavia, a esta altura o Profeta já estava muito encabulado para continuar pedindo reduções. Portanto, ele disse: “Eu já pedi ao

meu Senhor até ficar com vergonha, agora, porém, estou satisfeito e me submeto.”

Hoje em dia, os ensinamentos islâmicos quanto às profecias podem rapidamente suscitar emoções entre os muçulmanos. Provavelmente a principal razão reside no fato de que em muitos países islâmicos a religião tem um papel muito maior na vida cotidiana do que na Europa ou na América. Por isto, de forma geral, posições políticas são colocadas em termos religiosos e a oposição às políticas de outros países podem assumir a forma de uma crítica a outras religiões.

Um segundo fator que ajuda a manter um alto nível de emoções nas discussões sobre as profecias é o de que os muçulmanos modernizados normalmente assumem a atitude — como também o fazem muitos povos do Ocidente — de que não são eles que estão errados. As faltas devem ser atribuídas a outro povo, e é aí que o problema pode residir, a culpa deve pertencer a seu oponente. Esta atitude é comum em todo o mundo. Para aqueles que reconhecem a verdade do mito, é altamente significativo que Iblīs tenha sido a primeira pessoa a colocar a culpa nos outros. Foi ele quem disse: “agora porque você me desviou...” (7: 16). Se as pessoas tivessem seguido o exemplo de Adão e Eva, elas olhariam para si mesmas mais de perto e reconheceriam que “Nós erramos por nós mesmos” (7: 23).

Não acreditem que a posição de Iblīs seja encontrada apenas no nível político. Ela é uma realidade cotidiana para todos nós. Pensem, por exemplo, na maneira como os estudantes reagem quando recebem as suas notas. É comum ouvirmos alguns deles dizerem: “Eu tirei 10 em física, mas esta porcaria de professor de inglês me deu um 5.” Esta é uma reação típica de Iblīs — A luz me pertence, mas ele me fez desviar. Eu fiz o bem, mas qualquer mal é erro de outra pessoa. A reação de Adão e Eva teria sido a seguinte: “Que bom que o professor de física tenha me dado 10,

mas eu fiz uma verdadeira confusão em inglês e tirei 5; portanto, tenho que trabalhar duro para suprir as minhas deficiências.”

Em resumo, na situação política contemporânea, a ideologia é freqüentemente colocada em termos de uma guerra entre o bem e o mal. Em tais circunstâncias, aqueles que colocam em relevo a universalidade da mensagem do *Alcorão* raramente conseguem fazê-lo com sucesso. É muito fácil pensarmos que os outros estão errados enquanto nós estamos certos. E para que possamos pensar desta forma é preciso que esqueçamos que a misericórdia de Deus se estende a todas as criaturas. Se as pessoas se lembrarem de que a misericórdia de Deus tem precedência sobre a sua cólera, elas devem começar a procurar as suas faltas e deixar a dos outros a cargo de Deus. Elas devem aceitar que o 5 foi um presente e que elas poderiam ter sido reprovadas.

Judaísmo e cristianismo

O retrato que vemos no *Alcorão* no que tange ao papel dos profetas na história humana é altamente repleto de nuances. Com base no *Alcorão*, não podemos nem pretender que o Islã tenha direitos exclusivos quanto à verdade e nem que as outras religiões sejam válidas sem terem qualificações. Na verdade, todos os profetas vieram trazendo uma verdade de Deus, contudo os seus seguidores nem sempre observam os ensinamentos que os profetas trouxeram. Neste sentido, o *Alcorão* com freqüência critica os seguidores das duas religiões com as quais as primeiras comunidades muçulmanas entraram em contato, o judaísmo e o cristianismo. Ele afirma que muitos judeus e cristãos não viveram segundo a mensagem de Deus para eles, um ponto que tem sido colocado pelos reformadores judeus e cristãos ao longo de toda a história.

Vários muçulmanos gostariam de colocar este fato como um julgamento universal contra outras religiões, clamando que o Islã é a única religião válida sobre a face da terra, esquecendo-se de que não há razão para que o Islã não esteja isento dos mesmos tipos de distorções. Outros muçulmanos não concordam com as condenações precipitadas que os fundamentalistas de todos os tipos de persuasão religiosa levantam contra seus inimigos. Em resumo, não existe nenhum consenso entre os muçulmanos contemporâneos ou do passado quanto a uma conclusão sobre o Islã e outras religiões. Todavia, o *Alcorão* e os comentários clássicos oferecem uma grande quantidade de oportunidades propícias para termos uma visão das coisas repleta de sutilezas e nuances.

Dentre as afirmações gerais que o *Alcorão* faz quanto às religiões trazidas pelos profetas existe a seguinte, encontrada em dois momentos do texto:

Aqueles que têm fé e aqueles dentre os Judeus, os Cristãos e o Sabeus — aqueles que têm fé em Deus e que no último Dia trabalham intensamente em suas ações — a sua recompensa os espera em seu Senhor, e nenhum medo se abaterá sobre eles e nem eles devem se sentir infelizes. (2: 62, 5: 69)

O elemento central aqui, como já deveria estar claro a esta altura, é a fé em Deus. Segundo a visão islâmica, a fé em Deus requer o *tawhīd* e o *tawhīd* é a mensagem de todos os profetas. À medida que o *tawhīd* ficar estabelecido, a salvação está assegurada. Tão importante é o primeiro *Shahāda*, através do qual o *tawhīd* se expressa, sobre o qual um *hadīth* encontrado em uma das mais confiáveis fontes nos diz: “Aquele que morre sabendo que não há nenhum deus, a não ser Deus, entrará no Jardim.” Reparem que este *hadīth* não fala apenas a respeito da fé. É suficiente sa-

ber a verdade do *tawhīd*. Um outro *hadīth* faz a mesma observação. No Dia da Ressurreição Deus ficará muito ocupado medindo as boas e más ações na balança. As boas ações de cada pessoa serão colocadas em um dos fiéis da balança, enquanto as ruins serão colocadas em outro. Se as boas ações predominarem, a pessoa irá para o paraíso, mas se as ações ruins predominarem, ele ou ela será jogado no inferno. Uma das pessoas que será levada a julgamento será um muçulmano que possui 99 rolos elencando suas más ações:

Deus dirá: “Vós objetais quanto a qualquer coisa aqui? Os meus escribas, que tomam nota, erraram em relação a vós?”

Ele responderá: “Não, meu Senhor.”

Deus lhe perguntará se ele tem alguma desculpa, e quando ele disser ao Senhor que não tem nenhuma, Ele irá dizer: “Pelo contrário, vós tendes para Conosco uma boa ação e vós não errareis hoje.”

Um documento será trazido, contendo “Eu testemunho que não há nenhum deus, mas Deus, e que Muḥammad é um servo Seu e um Seu mensageiro.” Deus dirá: “Vinde ser pesado.”

O homem perguntará a Deus que documento era aquele que foi trazido juntamente com seus rolos e Ele responderá: “Vós não errareis.”

Os rolos serão então colocados em um dos fiéis da balança, e o documento no outro, e os rolos ficarão leves e o documento pesado, já que nada pode ser comparado em peso ao nome de Deus.

Quando o *Alcorão* critica os seguidores de outras religiões, ele está criticando uma distorção perceptível do *tawhīd*. Ao fazê-lo, ele recorre a versões dos ensinamentos judaicos e cristãos nos quais os seguidores de tais religiões não se subscrevem necessariamente.

À guisa de exemplo, diz-se comumente que o *Alcorão* rejeita o conceito cristão da Trindade. Visto que a Trindade é entendida como uma negação do *tawhīd*, isto é verdade. Todavia, nem todos os cristãos aceitam que a Trindade negue o *tawhīd*. Muito pelo contrário, muitas formulações referentes à doutrina da Trindade tomam cuidado para preservarem a unidade de Deus. Se a “trindade” têm precedência sobre a unidade, então as críticas do *Alcorão* se aplicam. Todavia, entre os cristãos, a exata natureza entre o relacionamento que se estabelece entre os três e o um é um ponto de debates freqüente. Um dos versículos do *Alcorão* que nega a Trindade diz: “Aqueles que afirmam ‘Deus é o terceiro de três’ tornaram-se ocultadores da verdade” (5: 73). Mesmo o conhecimento mais elementar do catecismo cristão nos fala que Deus não é “o terceiro de três”. Na verdade, Deus é uno e trino ao mesmo tempo. Visto que ele é três, ele se apresenta a suas criaturas como três pessoas — Pai, Filho e Espírito Santo.

Um outro versículo do *Alcorão* diz algo semelhante, porém agora temos este primeiro versículo para nos ajudar a compreender o que está sendo criticado:

O Messias, Jesus, Filho de Maria, foi apenas um mensageiro de Deus, e a Sua palavra, que Ele confiou a Maria, e o Seu Espírito. Portanto, tenha fé em Deus e em Seus mensageiros e não diga “Três”. Abstenha-se, isto será melhor para você. Deus é apenas Um Deus. (4: 171)

Reparem que esta passagem dá a Jesus uma posição extremamente elevada e reconhece que ele tem qualidades que nenhum outro profeta possui. Todavia, ela coloca mais uma vez em destaque o fato de que há um único Deus. Se a fé em Jesus leva à afirmação de três deuses, então o *Alcorão* a rejeita. Mais uma vez, contudo,

a verdadeira posição cristã é altamente sutil, e poucos cristãos, se é que há algum, sustentariam que têm fé em mais de um Deus.

Alguns comentaristas muçulmanos assinalam que não há nada de errado em se falar em “três” desde que isto não signifique que Deus é o terceiro dos três. Se dissermos que Deus é o terceiro de dois, está bem. O próprio *Alcorão* diz mais:

Não percebestes que Deus sabe tudo o que ocorre nos céus e tudo o que ocorre na terra? Três homens conspiram abertamente juntos, mas Ele é o quarto dentre eles, podem ser cinco homens e Ele será o sexto deles, podem ser mais do que isto ou menos que isto, porém Ele sempre estará com eles, não importa onde estejam. Então Ele deverá lhes dizer o que fizeram no Dia da Ressurreição. Certamente Deus conhece todas as coisas. (58: 7)

Um outro conceito cristão que o *Alcorão* rejeita veementemente é o de que Jesus poderia ser o Filho de Deus. O versículo que acabamos de citar e que nega a idéia de “três” continua dizendo: “Glória a Ele — porque Ele deveria Ter um filho!” (4: 171) Em outro lugar o *Alcorão* diz: “Como Ele poderia ter um filho, visto que não possuía uma companheira e Ele criou todas as coisas e possui o conhecimento de todas as coisas?” (6: 101)

O uso feito pelo *Alcorão*, assim como a compreensão geral dos muçulmanos, deixa claro que por *filho* eles entendem que se trata não de um símbolo ou de uma metáfora, e sim de um filho físico, nascido de uma mãe, uma suposta companheira de Deus. Pode ser que alguns cristãos tenham imaginado que Deus teve uma esposa ou que Ele, de alguma forma, engravidou a Virgem Maria, gerando um filho. Todavia, nenhum teólogo cristão jamais acreditou em algo semelhante. Para os cristãos, a filiação de Jesus é uma realidade que, entretanto, não deve ser encarada no

sentido físico. O fato de que Maria seja freqüentemente chamada de Mãe de Deus não ajuda muito a esclarecer as coisas para os muçulmanos, que possuem apenas o *Alcorão* e algumas concepções errôneas de uma religião estranha.

O fato de que a idéia da filiação é entendida pelos muçulmanos em seu sentido literal se torna óbvia, por exemplo, em um pequeno texto da Sura 112, freqüentemente chamado de *Tawhīd*. Qualquer um que pense nas implicações da filiação ou da paternidade compreenderá rapidamente que estes são termos relativos. Todo aquele que é um filho também é (ao menos potencialmente) um pai, e todo aquele que é um pai também é um filho, com a única exceção de Adão. Reparem que ao afirmar o *tawhīd*, o *Alcorão* não apenas nega a idéia de que Jesus pudesse ter sido o filho de Deus, mas igualmente o seu correlativo necessário, de que Deus pudesse ter sido o pai de alguém, certamente o maior dos absurdos aos olhos dos muçulmanos:

Diga: Ele é Deus, Uno — Deus, o Refúgio Eterno. Ele não gerou, assim como não foi gerado, e Ele não tem quem a Ele se compare.

Uma outra crítica do *Alcorão* freqüentemente repetida em relação aos judeus e cristãos é a de que eles corromperam as suas escrituras e assim invalidaram as mensagens trazidas até eles pelos profetas. O texto do *Alcorão*, contudo, oferece uma resposta mais ambígua quanto à questão referente a outras escrituras além daquelas que os muçulmanos podem admitir. O termo-chave em árabe é *tahrīf*, que significa mudar algo em relação a sua maneira própria, distorcer, alterar. Os seguintes versículos do *Alcorão* se referem ao verdadeiro *texto* das escrituras ou a uma *interpretação* das escrituras? Os comentaristas do *Alcorão* admitem ambas

as posições, permitindo assim aos muçulmanos várias alternativas em suas tentativas de entender a importância da passagem (nós traduzimos *tahrīf* como “alterar”):

Alguns judeus alteraram as palavras quanto a seus significados, dizendo: “Nós ouvimos e desobedecemos”... Não deveriam eles ter dito: “Nós ouvimos e obedecemos”... isto teria sido melhor para eles. (4: 46)

Reparem que neste verso o *Alcorão* não faz um julgamento universal, mas, na verdade, critica *alguns* seguidores da religião judaica. Caso se trate de uma interpretação, ninguém está isento desta afirmação, uma vez que os seguidores de todas as religiões reconhecem que alguns de seus correligionários distorcem o sentido das escrituras. Um outro versículo é o seguinte:

Portanto, porque [os judeus] quebraram a sua aliança, Nós os amaldiçoamos e tornamos os seus corações duros; eles alteraram o significado das palavras e esqueceram-se de parte do que lhes foi lembrado. (5: 13)

Aqui, o *Alcorão* correlaciona a conseqüência da distorção textual com a orientação e a desorientação. Aqueles judeus que quebraram a aliança com Deus tiveram o coração endurecido como uma punição divina. Ter o coração endurecido é um termo utilizado pelo *Alcorão* para se referir a todas as conseqüências que surgem quando se dá as costas a Deus. De forma geral, ele significa uma redução da inteligência e um enfraquecimento da correlação com os atributos divinos da gentileza, misericórdia e beleza. Aqueles cujo coração se endurece afastam-se de Deus e caem em grande desorientação. Então, eles começam a perverter o significado de

suas próprias escrituras. Os profetas vieram para lembrá-los, porém eles se esqueceram do que os profetas lhes disseram. O seu esquecimento pode significar que alguma coisa das escrituras se perdeu, contudo, mais provavelmente quer dizer apenas que aqueles cujo coração está endurecido estavam incapacitados de *compreender* o significado das lembranças; a mensagem divina incorporada na escritura.

Em um outro versículo sobre o mesmo tema, o *Alcorão* se dirige ao Profeta, dizendo-lhe para não ser tão impaciente com os judeus em seu esforço para entenderem a sua mensagem:

Estais tão impacientes para que eles tenham fé em vós? Todavia existe um grupo dentre eles que ouviu as Palavras de Deus, então eles alteraram o que entenderam, uma vez que já o haviam compreendido. (2: 75)

Este versículo sugere que a aceitação do Islã não é suficiente, se antigos hábitos, tais como ler as escrituras para a sua própria vantagem, forem mantidos. Todavia, novamente, este versículo se refere a “um grupo dentre eles”, e não a todos os judeus.

Alguns teólogos muçulmanos de mentalidade polêmica investigaram a Bíblia hebraica e o Novo Testamento procurando evidências de que os judeus e os cristãos haviam distorcido o texto de suas escrituras. O primeiro a ter feito isto, e aquele cuja aproximação foi mais sistemática, foi o estudioso da Andaluzia Ibn Hazm (d. 456/1064). Dado que o conceito de escritura diverge da idéia judaica e cristã em aspectos importantes, e visto que os cânones judaicos e cristãos incluem uma grande variedade de textos escritos em épocas diferentes e a partir de diferentes perspectivas, não é de se surpreender que os estudiosos muçulmanos tenham encontrado muita coisa a ser criticada. Em sua maioria,

estas críticas foram simplesmente a repetição do que foi encontrado na literatura polêmica escrita pelos sectários judeus e cristãos, ou por outros, mais freqüentemente pré-islâmicos, críticos da Bíblia, que podem ter sido samaritanos, judeus-cristãos *caritas*, gnósticos, filósofos helemistas ou maniqueus. Alguns historiadores do Islã chegaram a sugerir que o moderno estudo crítico da Bíblia — que, logicamente, foi bem mais severo com a Bíblia do que os muçulmanos — tenha recebido muitas de suas idéias através da intermediação da literatura polêmica islâmica.

O *Alcorão* normalmente se refere às mensagens entregues aos mensageiros como “livros”, ou seja, escrituras. Portanto, segundo eles, os seguidores das mensagens são “O Povo dos Livros” (*ahlu-l-kitāb*). Na maioria dos trinta versículos nos quais o *Alcorão* emprega esta expressão, parece que ele tem em vista os judeus e os cristãos, os seguidores das duas religiões com as quais os muçulmanos entraram em contato. Em dois destes versículos ele também menciona “O Povo da Lembrança” com o mesmo sentido.

Em muitos dos versículos nos quais o Povo dos Livros é mencionado, os dois lados do retrato da religião pré-islâmica podem facilmente ser vistos. Aqueles que observam as escrituras são louváveis, enquanto aqueles que não seguem as mensagens que foram entregues pelos profetas são culpados.

Muitos daqueles que pertencem ao Povo do Livro desejam poder restaurar-vos e tornar-vos ocultadores da verdade e, sobrepor-se à vossa fé, em virtude da inveja em suas almas. (2: 109)

Alguns daqueles que pertencem ao Povo do Livro formam uma inteira nação. Eles recitam os sinais de Deus durante a noite, prostrando-se, tendo fé em Deus e no último Dia, permitindo a honra e proibindo a desonra, e competindo entre si nas boas

ações. Eles estão entre a maioria. Não importa o bem que façam, jamais lhes será negado o seu prêmio. (3: 113-115)

O *Alcorão* é essencialmente crítico quanto à inimizade existente entre judeus e cristãos. Uma vez que eles aceitam o Livro — *tawhīd* e profecia —, eles não deveriam se enfrentar. O primeiro versículo citado é particularmente interessante, visto que ele faz uma crítica generalizada a todos aqueles que dizem que o judaísmo e o cristianismo não têm fundamento:

Os judeus dizem: “Os cristãos se sustentam no nada.” Os cristãos dizem: “Os judeus se sustentam no nada.” Todavia eles recitam o Livro. Mesmo assim aqueles que não têm conhecimento dizem coisas como estas. (2: 113)

Diga: “Oh, Povo do Livro! Encontremos uma palavra comum entre nós e vós, já que só cultuamos Deus e não associamos outros a Ele, e alguns de nós não tomam outros como seus senhores, à execução de Deus.” E se eles virarem as costas, diga: “Dai testemunho de que somos muçulmanos.”

Povo do Livro! Por que discutis quanto a Abraão? Nem a Tora e nem o Evangelho foi enviado antes dele. Não tendes inteligência? (3: 64-65)

Existem muito mais versículos do *Alcorão* que se referem ao cristianismo e ao judaísmo, contudo uma análise abrangente exigiria um livro maior. Já foi dito o suficiente para fornecer um quadro geral.

Mais um ponto, no entanto, precisa ser verificado, de forma a esclarecer uma diferença maior quanto à perspectiva entre a visão dos muçulmanos e a dos cristãos. Para os cristãos, a palavra de Deus é Cristo, a “Palavra transformada em carne”. Os Evangelhos são livros inspirados, escritos sobre Cristo. Todo o Novo

Testamento pode se parecer com a palavra de Deus, porém é tudo secundário relativamente a Cristo, que é a palavra encarnada. Pode-se imaginar o cristianismo sem o Novo Testamento, mantido apenas através de uma tradição oral. Todavia, ninguém pode imaginar o cristianismo sem Cristo.

Para os muçulmanos, a Palavra de Deus é o *Alcorão*, e Muḥammad é simplesmente o mensageiro. É verdade que ele é um ser humano perfeito, um substituto de Deus, e o modelo que Deus designou para que as pessoas o seguissem. Todavia, o elemento principal é a mensagem, e não o mensageiro. Pode-se imaginar o Islã sem Muḥammad, porém não sem o *Alcorão*.

Os muçulmanos vêem as outras religiões segundo os preceitos do Islã, que a seus olhos é a religião perfeita. Logicamente os seguidores de outras religiões também enxergam segundo as suas perspectivas; esta não é uma qualidade unicamente dos muçulmanos. Neste sentido, os muçulmanos esperam que as outras religiões tenham um livro como o *Alcorão*, e o *Alcorão* fornece todas as razões para que eles assim o façam ao se referirem a Tora e ao Evangelho. Todavia, reparem que o *Alcorão* menciona o Evangelho no singular e não no plural. Ele afirma repetidamente que Jesus, mensageiro de Deus, recebeu o Evangelho como sua mensagem, exatamente como Muḥammad recebeu o *Alcorão*. Por isto, os muçulmanos ficam imediatamente suspeitosos ao ouvirem dizer que existem quatro Evangelhos. Esta diferença de perspectiva no que concerne ao papel de elementos humanos e das Escrituras contribui para um desentendimento infinito entre cristãos e muçulmanos.

Com o objetivo de resumirmos a visão islâmica quanto às outras religiões — judaísmo e cristianismo em particular —, podemos dizer o seguinte: ao lerem o *Alcorão*, muitos muçulmanos preferem sublinhar as passagens de teor crítico quanto às outras

religiões e ignorar ou deixar de lado os versículos que louvam as outras religiões. Não se pode negar que certos versículos do *Alcorão* fornecem um grande suporte para o exclusivismo religioso. Todavia, muitos versículos do *Alcorão* também deixam muitos espaços abertos com relação aos de outras religiões. A posição que os muçulmanos adotam a este respeito depende amplamente da sua compreensão da realidade de Deus. Aqueles que, de fato, acreditam que a misericórdia de Deus tem precedência sobre a sua cólera e engloba todos aqueles que seguem a sua orientação acham fácil perceber a orientação de Deus em todas as religiões. Ao contrário, aqueles que vêem Deus como um mestre caprichoso que dá ordens e espera ser obedecido — sem ser questionado — acham muito mais confortável acreditar que apenas eles (o seu grupo religioso, o seu partido político) estão entre aqueles que se salvarão.

Algumas vezes a melhor maneira para lidar com os clamores que dizem respeito a uma posse exclusiva da verdade é simplesmente rir e deixar as coisas nas mãos de Deus. Portanto, concluímos este capítulo com uma anedota que nos foi narrada por um ulemá há muitos anos.

Dois estudiosos iranianos estavam discutindo sobre religião. Um deles perguntou ao outro. “Afinal de contas, quem irá para o paraíso?” O outro, um poeta bem conhecido pelo seu senso de humor, respondeu: “Bem, é realmente muito simples. Em primeiro lugar, todas as religiões fora o Islã são obviamente falsas, portanto não devemos considerá-las. Sobra, então, o Islã. Todavia, entre os muçulmanos, alguns são xiitas e outros sunitas, e nós sabemos que os sunitas desviaram-se do caminho único e serão jogados no inferno. Sobram, então, os xiitas. Todavia, entre os xiitas existe o povo comum e os *ulama*. Todos sabem que o povo comum não se importa com Deus ou com a religião, portanto, queimarão no Fogo. Sobram, então, os *ulama*. Todavia, os *ulama* só

se tornaram *ulama* por serem os senhores do povo comum. Sobram, portanto, eu e você. E eu não tenho lá muita certeza quanto a você.”

Este tipo de raciocínio não parece familiar? Talvez não seja tão pouco consistente afirmar que muitos de nossos contemporâneos pensam desta forma, não importa que sejam muçulmanos, cristãos, judeus, estudiosos, cientistas, políticos ou o que forem. E este tipo de posição soa suspeitosa como a de Iblis, cujo lema é: “Eu sou melhor do que ele.”

Tradução
Cynthia Marques de Oliveira